

LOUVRE UNBOUND

ALÉM DA MOLDURA DA ARTE



Saint-Sebastian

Cesar Vianna
caneta e aquarela sobre
papel
20 x 25 cm
2025

ALÉM DA MOLDURA DA ARTE REÚNE ARTISTAS TALENTOSOS E ESPAÇOS CRIATIVOS,
PROMOVENDO O DIÁLOGO ENTRE A ARTE E A CULTURA CONTEMPORÂNEA.



LOUVRE UNBOUND

BEYOND THE FRAME OF ART



linktr.ee/LouvreUnbound

MERGULHE NO MUNDO DE

Cesar Vianna

Rouyn-Noranda, Canadá

Bem-vindo, Cesar. Antes de mais nada, conta-nos um pouco sobre a tua trajetória e por que escolheste seguir esta carreira. Lembras-te da primeira obra de arte que te tocou profundamente?

Obrigado pelo convite. A minha trajetória artística começou em São Paulo, onde estudei design gráfico e arquitetura. Esses primeiros anos deram-me uma base sólida em estrutura e forma, mas foi no universo da arte que encontrei uma verdadeira ressonância. Escolhi seguir esta carreira porque criar permite-me expressar emoções, ideias e histórias de uma forma que o design, por si só, não conseguia. A arte tornou-se a minha linguagem pessoal—um caminho para explorar a experiência humana e comunicar a um nível mais profundo.

A primeira obra que realmente me tocou foi *Jeunes Filles au piano*, de Pierre-Auguste Renoir. Lembro-me vividamente da primeira vez que a vi—foi como uma revelação. A vivacidade das cores, a suavidade das pinceladas e a atmosfera íntima que a pintura capturava ressoaram intensamente em mim. O que mais me impressionou foi a forma como Renoir transmitiu um momento silencioso, mas repleto de emoção e movimento. A maneira como a luz incidia sobre as figuras e o piano fez-me perceber o poder que a arte tem de contar histórias e evocar sentimentos sem precisar de uma única palavra.

Esse momento inspirou-me a seguir um caminho onde eu também pudesse comunicar essas subtilezas através da minha própria voz artística.



Web site:
linktr.ee/CzarNunes



Instagram:
[@CzarNunes](https://www.instagram.com/CzarNunes)



**O que a tua obra procura transmitir?
Existem temas recorrentes aos quais
costumas voltar?**

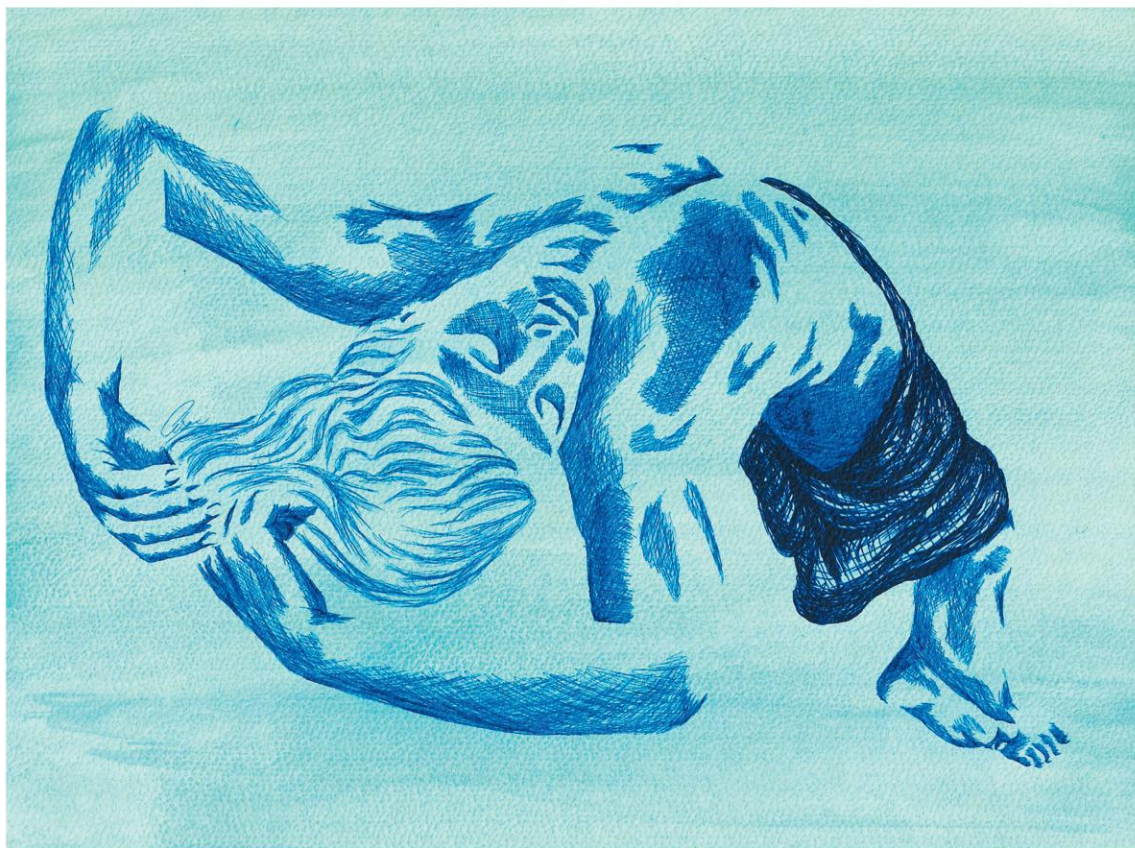
O meu trabalho procura explorar a complexidade da identidade humana e as ligações subtis entre o corpo e o ambiente que o rodeia. No fundo, a minha arte fala de conexão—emocional, física e conceptual. Quero criar um espaço de reflexão, onde o público possa envolver-se com temas como a beleza, a perceção de si, a transformação e as relações que construímos connosco e com o mundo.

Um tema recorrente é o diálogo entre simplicidade e realismo. Uso frequentemente técnicas minimalistas—como o hachurado e paletas de cor reduzidas—para destacar elementos como sombras e pelos corporais, deixando o restante da figura em aberto.

Essa abordagem convida o observador a completar a imagem com o olhar, transformando cada obra numa experiência partilhada entre arte e espectador.

Outro eixo constante é a investigação da identidade, tanto individual quanto coletiva. Interessa-me a forma como nos percebemos e como a expressão corporal pode contar histórias sem palavras. Mesmo quando uso materiais não convencionais ou elementos mais abstratos, volto sempre ao corpo humano—não apenas pela estética, mas pelas narrativas que ele contém.

No fim das contas, o meu objetivo não é impor um sentido, mas abrir espaço para a interpretação. Espero que as pessoas encontrem algo de si nas minhas obras—seja reconhecimento, curiosidade ou uma nova forma de ver.

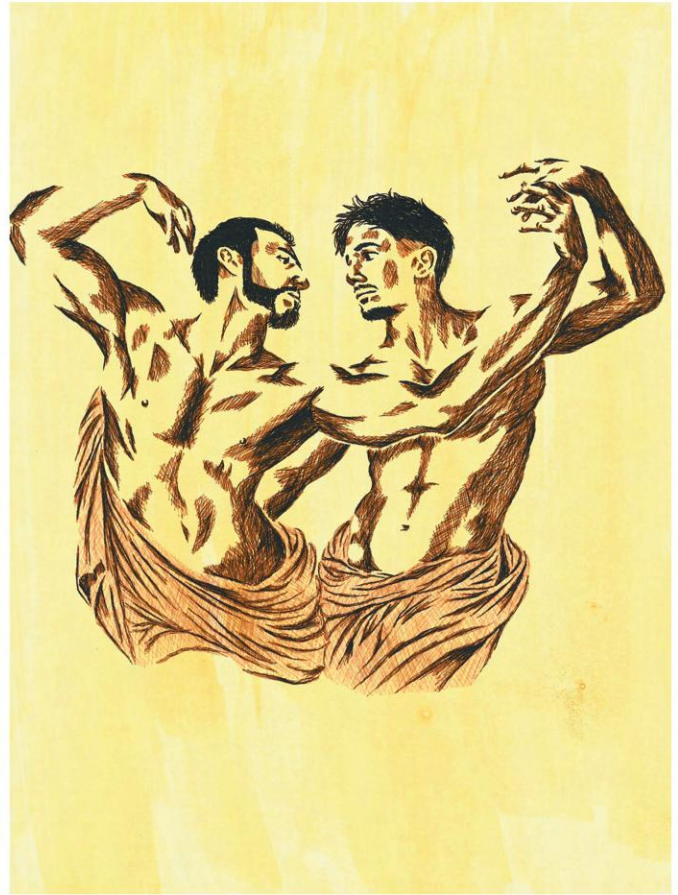


Pearl diver
caneta e aquarela sobre papel
25 x 20 cm
2025

Você trabalha com diferentes suportes—como essa abordagem multidisciplinar influencia a tua mensagem?

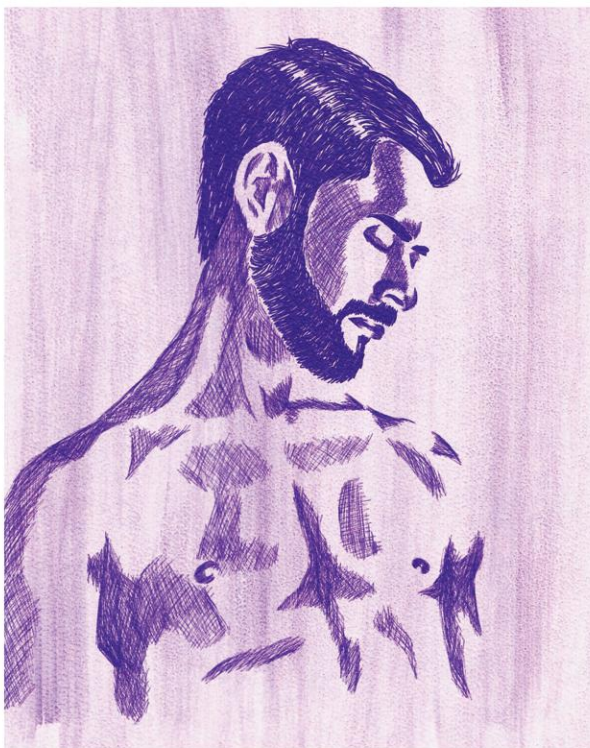
Trabalhar com diferentes suportes permite-me abordar cada ideia por vários ângulos, enriquecendo a narrativa e a carga emocional da obra. Embora a ilustração seja a base da minha prática, também exploro a pintura, a fotografia, a serigrafia e até materiais pouco convencionais como chá, café e sombra de olhos. Cada meio tem a sua linguagem e energia, e escolher o mais adequado ajuda-me a expressar melhor a história ou sentimento que quero transmitir.

A ilustração, por exemplo, permite-me focar nos detalhes e na precisão, destacando contornos e expressões do corpo humano. Já a pintura oferece mais liberdade com cor e textura, criando atmosferas emocionais. A fotografia capta momentos fugazes de inspiração, enquanto a serigrafia traz repetição e sobreposição—recursos que dialogam com temas como transformação e percepção.



In perfect sync

caneta e aquarela sobre papel
20 x 25 cm
2025



A moment of self reflexion

caneta e aquarela sobre papel
20 x 25 cm
2025

Esta abordagem multidisciplinar não é apenas técnica, mas também conceptual. Permite-me explorar contrastes como estrutura versus espontaneidade, ou realismo versus abstração. Às vezes, recio o mesmo tema com materiais diferentes para investigar como isso altera a percepção do público.

No fim, trabalhar com vários suportes mantém a minha prática fluida e aberta à experimentação. Ajuda-me a manter a curiosidade e a desafiar-me constantemente. Sobretudo, dá a cada obra a liberdade de evoluir na direção que melhor expressa a sua mensagem.

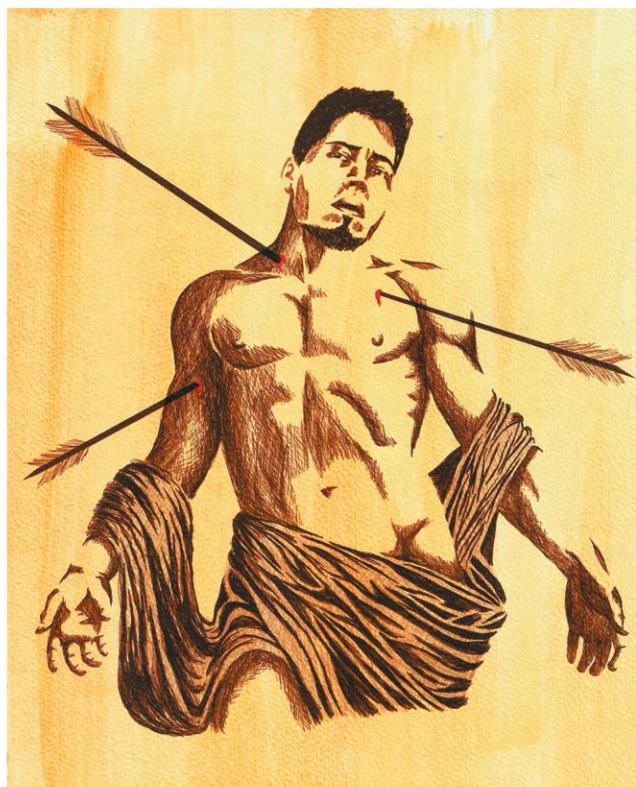
Como vê a evolução do teu meio artístico na próxima década?

Acredito que a evolução do meu meio—e da arte em geral—seguirá no sentido de uma maior hibridização e fluidez. As fronteiras entre o tradicional e o digital, entre belas-arts e design, ou mesmo entre cultura erudita e popular, estão cada vez mais diluídas. Na próxima década, penso que os artistas se sentirão ainda mais livres para explorar abordagens interdisciplinares, combinando ilustração, pintura e ferramentas digitais.

Na minha prática, vejo-me a aprofundar o uso de meios tradicionais como a tinta, a aquarela e a pirogravura, ao mesmo tempo que continuo a experimentar com materiais sustentáveis e não convencionais—como já fiz com chá, café e cosméticos. Acredito que o papel da materialidade—como escolhemos e utilizamos os nossos materiais—vai tornar-se ainda mais relevante como forma de narrativa e intenção.



Embrace the unseen
caneta e pastel seco sobre papel
20 x 25 cm
2025



Saint-Sebastian
caneta e aquarela sobre papel
20 x 25 cm
2025

Também antecipo um diálogo crescente entre técnicas analógicas e digitais.

Por exemplo, usar plataformas digitais não só para divulgar o trabalho, mas para criar ligações mais significativas com públicos globais, partilhar processos e construir uma comunidade em torno de temas como identidade, transformação e corpo humano.

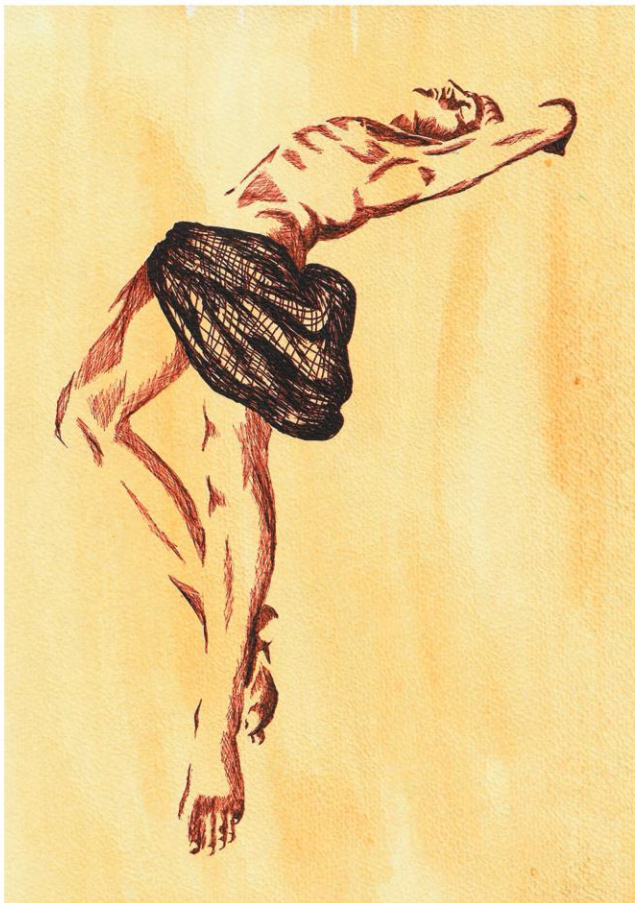
No fundo, penso que a próxima década será menos sobre definir um meio específico e mais sobre abraçar todo o espectro de ferramentas disponíveis para expressar o que importa.

O núcleo do meu trabalho—conexão, percepção e emoção—permanece o mesmo, mas os idiomas visuais que uso para transmitir essas ideias continuarão a evoluir.

Fala-nos de uma obra tua que te é especialmente querida—qual é a história por trás dela?

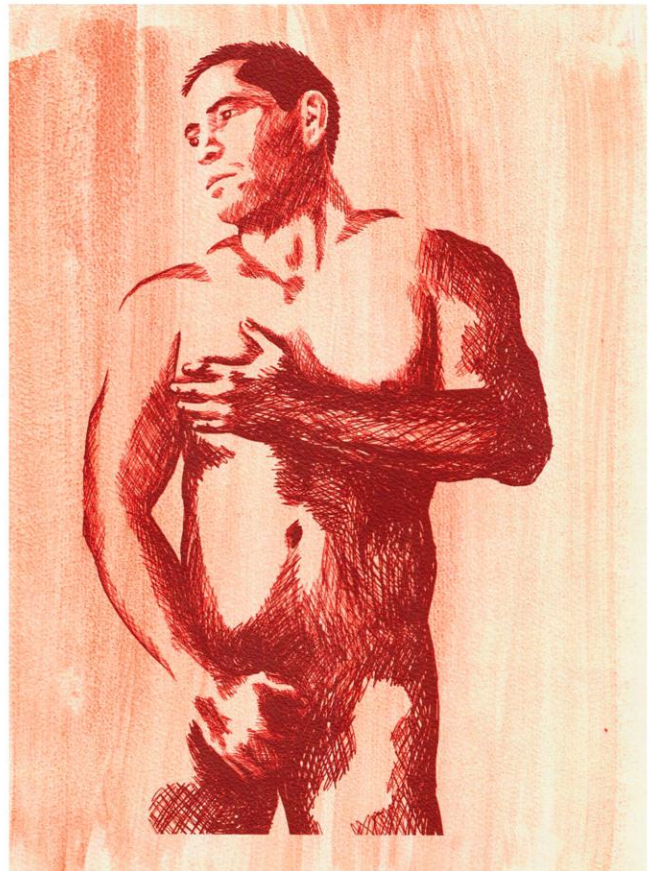
Uma obra especialmente significativa para mim é um retrato pirogravado de São Sebastião, criado durante a pandemia. A inspiração veio de um jovem que foi um dos meus primeiros modelos. Ao enfrentar um diagnóstico de câncer, ele partilhou comigo como encontrava conforto e força na figura de São Sebastião—um símbolo não só de resiliência, mas também de representação homoerótica na arte clássica.

As nossas conversas foram profundamente pessoais, e senti uma grande responsabilidade em honrar a sua história.



Pearl diver

caneta e aquarela sobre papel
20 x 25 cm
2025



Shy

caneta e aquarela sobre papel
20 x 25 cm
2025

O retrato que criei foi, ao mesmo tempo, uma homenagem a ele e uma reflexão sobre resistência, vulnerabilidade e beleza. A obra acabou por integrar duas exposições importantes—uma em San Diego e outra no Pride de Montreal—e foi posteriormente adquirida pelo museu de arte da minha cidade natal. Esse percurso, de uma conversa íntima a uma coleção pública, foi profundamente marcante.

O que torna esta peça tão próxima do meu coração é a ligação emocional que representa—não apenas entre artista e modelo, mas entre arte e cura. Lembrou-me de que a arte pode acolher a dor, a esperança e a dignidade ao mesmo tempo, e que as criações mais significativas muitas vezes nascem de experiências profundamente humanas.

Estamos a chegar ao fim desta breve entrevista. Gostarias de acrescentar algo sobre a tua pesquisa artística? Como foi colaborar com o Louvre Unbound?

À medida que a minha trajetória evolui, sigo comprometido com a exploração do corpo humano, da identidade e das ligações emocionais com o nosso entorno. A minha pesquisa é um processo contínuo de observação, experimentação e introspeção. Interessa-me como os materiais, tradicionais ou não, podem transmitir significado e expandir os limites da narrativa visual. Colaborar com o Louvre Unbound foi uma experiência verdadeiramente enriquecedora.

A plataforma promove um espaço aberto e inclusivo para a expressão artística—um espaço que reconhece e valoriza vozes emergentes e percursos não convencionais. Senti que o meu trabalho foi não só bem acolhido, mas genuinamente compreendido, o que tem um valor enorme para um artista. A sensibilidade da equipa perante as nuances do fazer artístico, bem como o compromisso com um diálogo significativo, fizeram com que todo o processo se parecesse mais com uma jornada criativa partilhada do que com uma formalidade. Estou sinceramente grato pela oportunidade de me conectar com o vosso público e de contribuir para este projeto tão dinâmico e inspirador.



Skeptical
aquarela sobre papel
25 x 20 cm
2024

MERGULHE NO MUNDO DE Nat Biriba

São Paulo, Brasil

Atuante na indústria publicitária, o ilustrador brasileiro Nat Biriba cria obras inspiradas na estética underground old-school dos anos 1980. Suas paletas de cores vibrantes e traços dinâmicos de estilo cartoon evocam uma atmosfera nostálgica e lúdica em toda a sua produção.



**Trashass
(superior)**
arte digital
30x30cm
2025

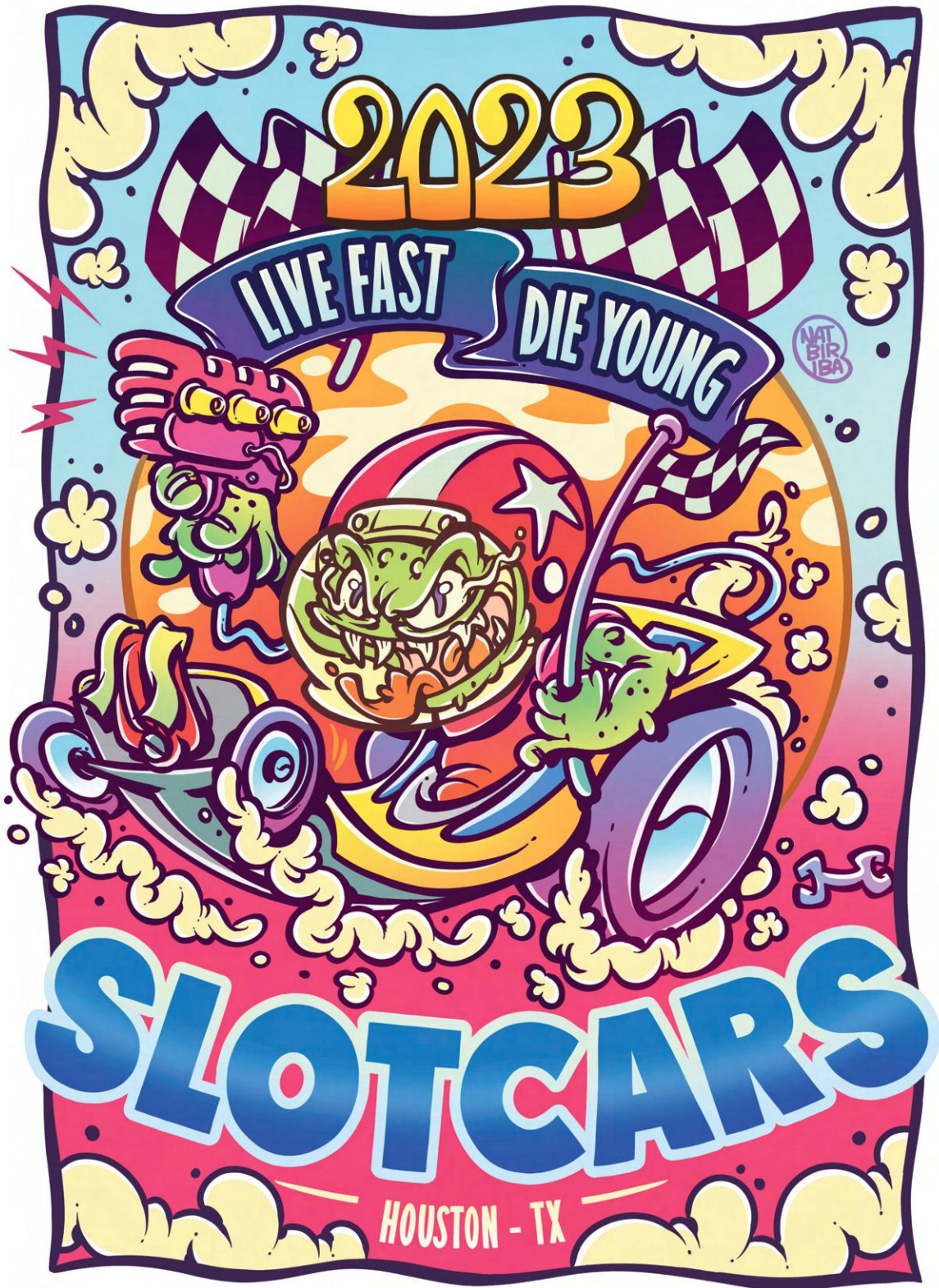
**The raging clam
(esquerda, inferior)**
arte digital
7x42cm
2024

**Vella la vella
(direita, inferior)**
arte digital
30x30cm
2021



Instagram:
@NatBiriba





Slotcars
arte digital
29,7x42cm
2023

MERGULHE NO MUNDO DE

Isabelle Roby

Rouyn-Noranda, Canadá

Bem-vinda, Isabelle. Antes de mais nada, conte-nos sobre a sua trajetória e por que escolheu seguir esta carreira. Você se lembra da primeira obra de arte que despertou algo dentro de si?

Obrigada pela recepção calorosa. Sou uma artista visual baseada em Rouyn-Noranda, no norte do Quebec. Antes de me dedicar inteiramente à arte, trabalhei como médica e passei mais de uma década em casa, cuidando dos meus filhos. Foi justamente nesse momento decisivo — quando eles começaram a frequentar a escola — que tomei a decisão consciente de não voltar à medicina, mas de seguir um chamado antigo: estudar e criar arte. Iniciei meus estudos em programas universitários de artes visuais e, aos poucos, fui construindo uma prática artística profissional.

Hoje, trabalho com gravura, pintura, mídia digital e instalação, explorando frequentemente temas ligados à identidade humana e ao mundo vivo. Acredito que tanto minha primeira carreira (como médica) quanto a segunda (como mãe) influenciam e enriquecem profundamente este terceiro capítulo da minha vida como artista. A primeira obra que realmente me tocou foi *Dríade (Nu na Floresta)*, de Pablo Picasso. Vi essa pintura numa exposição especial de obras do Museu Hermitage, apresentada no Museu de Belas Artes de Montreal.

Lembro-me de ter sido impactada pela sua energia, pela estranheza e pela forma como ressoava com algo profundo e instintivo em mim. Foi um momento de reconhecimento silencioso — da arte como algo ao mesmo tempo primordial e pessoal.



Site:
IsabelleRoby.com



Facebook:
[@IsabelleRobyArtiste](https://www.facebook.com/IsabelleRobyArtiste)



Instagram:
[@Isabelle.Roby](https://www.instagram.com/Isabelle.Roby)

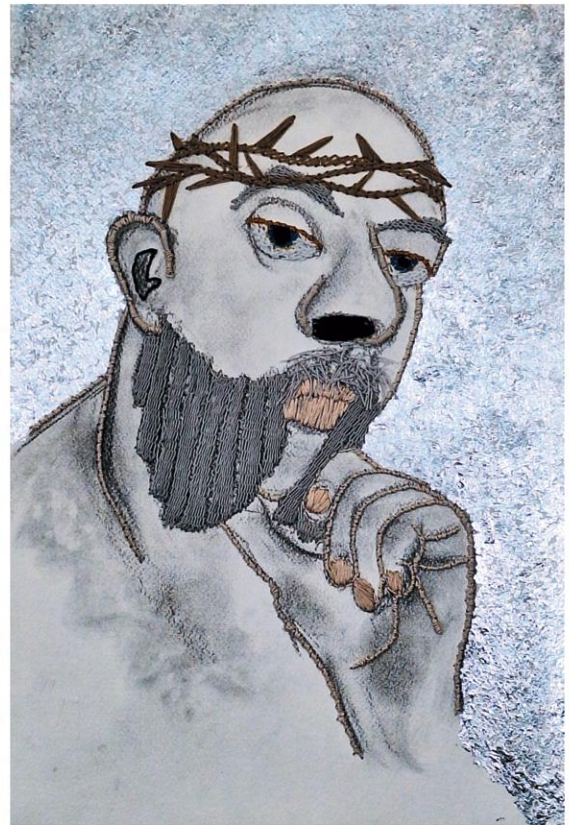


**O que o seu trabalho procura expressar?
Existem temas recorrentes aos quais você
retorna com frequência?**

Meu trabalho é uma forma de explorar o que significa ser humano. Após anos dedicados à medicina e à maternidade, continuo atraída pela complexidade do corpo, da mente e do nosso lugar no mundo. Interesso-me por como a cultura, a história e a ciência moldam nossa identidade e nossa relação com os outros. Volto frequentemente a temas como herança comum, mitos, símbolos e tudo aquilo que carregamos dentro de nós. O desenho de modelo vivo é, muitas vezes, meu ponto de partida — esses esboços rápidos a partir do corpo presente parecem fragmentos de intimidade, pequenas ofertas de presença, que depois incorporo ao meu trabalho.



Pénélope
Bordado manual e mecânico
sobre papel Artístico
51 x 71 cm
2023



Réflexions épineuses
Desenho sobre papel com aplicações
de flocos de prata e bordado
30 x 46 cm
2024

**Você acredita que a arte ainda tem um
poder social ou transformador no mundo
digital de hoje?**

Com certeza. Acredito que a arte ainda tem um poder profundo de transformar olhares — especialmente ao reunir ideias que, à primeira vista, podem parecer desconexas. A arte cria um espaço para a nuance, para a reflexão, e isso é algo de que precisamos mais do que nunca neste mundo digital acelerado. Como mãe, sou particularmente sensível ao ambiente digital em que meus filhos estão crescendo. Esse mundo me fascina e também me preocupa, e costumo respondê-lo por meio da arte — mas à minha maneira. Uso papel, linha, tecido e símbolos extraídos da mitologia para explorar esse impacto. Em certo sentido, recorro a materiais táteis e atemporais para questionar uma era hiperconectada e imaterial.

Como você vê a evolução do seu meio de expressão na próxima década?

No último ano, mergulhei com entusiasmo na arte têxtil — trabalhando com linha, tecido, papel e bordado — e vejo-me a continuar nesse caminho na próxima década. Há algo de profundamente poético e enraizado no uso desses materiais táteis. Comecei também a combinar o bordado com a gravura, acrescentando a linha como uma segunda voz dentro da mesma obra. Um dos meus projetos atuais explora exatamente esse diálogo entre meios. Curiosamente — e talvez de forma mágica — também sou atraída pelo digital. Gosto de animar obras que pinte, imprimi ou bordei. Parece que ganham vida, que me respondem depois de criadas. Esse momento de comunicação é cheio de encantamento, e espero continuar a explorar essa intersecção entre o feito à mão e o digital.



Arachnée
Bordado manual e mecânico
sobre papel Artístico
51 x 71 cm
2023



Hommage à P-o-lin(a)e
Bordado sobre linogravura
29 x 38 cm
2024

Se pudesse colaborar com qualquer artista, vivo ou falecido, quem seria — e por quê?

Adoraria colaborar com a artista finlandesa Raija Jokinen. Ela cria figuras delicadas, quase etéreas, costurando fibras e papel, explorando a profunda ligação entre corpo, mente e ambiente. O seu trabalho parece ao mesmo tempo frágil e potente — introspectivo e ligado ao mundo natural. Sinto grande afinidade entre a abordagem dela e a minha. Tal como ela, trabalho com linha, papel e formas simbólicas para refletir sobre a condição humana e os nossos mundos interiores. Ambas percorremos esse espaço silencioso onde o visível e o invisível se encontram — onde anatomia, emoção e paisagem se entrelaçam. Uma colaboração com ela seria como tecer duas sensibilidades numa linguagem partilhada.



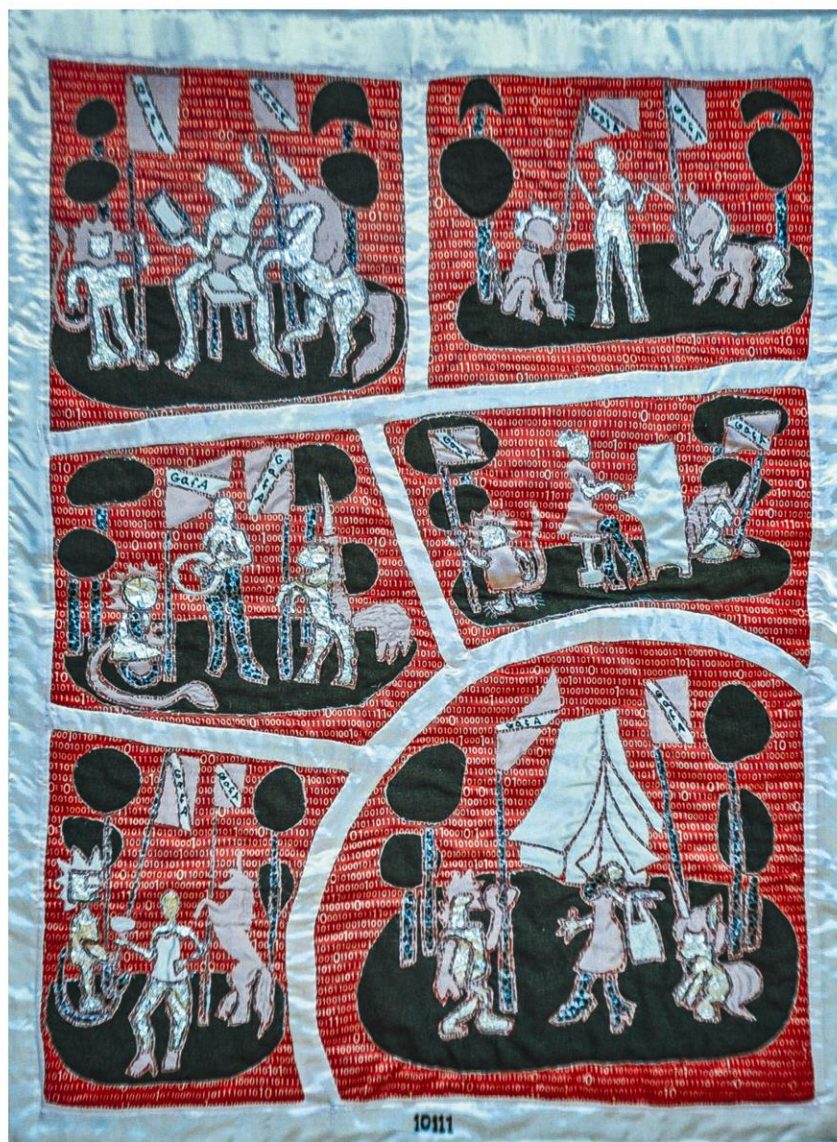
Tirillée entre deux monde
bordado sobre papel
46 x 84 cm
2024

Chegamos ao fim desta breve entrevista. Gostaria de acrescentar algo sobre a sua pesquisa artística? Como foi colaborar com o Louvre Unbound?

A minha pesquisa artística concentra-se em como o sentido pode emergir de materiais e gestos muitas vezes vistos como humildes ou domésticos. Trabalho com linha, tecido e papel não apenas pelo seu potencial estético e simbólico, mas também em homenagem às mulheres da minha família — especialmente à minha mãe — que me transmitiram o apreço por essas texturas e o cuidado presente nelas. Valorizar esses materiais é também valorizar essas memórias. Interesse-me pelo diálogo entre tradição e vida contemporânea.

Mitologias, saberes ancestrais e narrativas simbólicas alimentam a minha prática e ajudam-me a questionar o mundo acelerado, digital e muitas vezes desmaterializado em que vivemos. Por fim, vejo a lentidão como forma de resistência.

O meu processo criativo é, por natureza, demorado e meditativo. Ele convida à presença e à atenção — tanto da minha parte, ao criar, quanto de quem se envolve com a obra final. Num mundo que se move tão depressa, oferecer esse espaço parece-me algo realmente significativo.



Gynoïde à la Licorne

Patchwork (tecido e papel de alumínio)

138 x 191 cm

2022



Ariane
Bordado manual e mecânico sobre
papel Artístico
51 x 71 cm
2023

MERGULHE NO MUNDO DE Paulino Torrubia Lazur

Guarulhos, Brasil

Paulino Torrubia Lazur, nascido em Barcelona e formado em Belas-Artes em São Paulo, é desenhista, pintor e escultor. Combina pintura, madeira e alumínio em formas geométricas precisas, explorando a sensibilidade artesanal herdada do pai, mestre marceneiro.

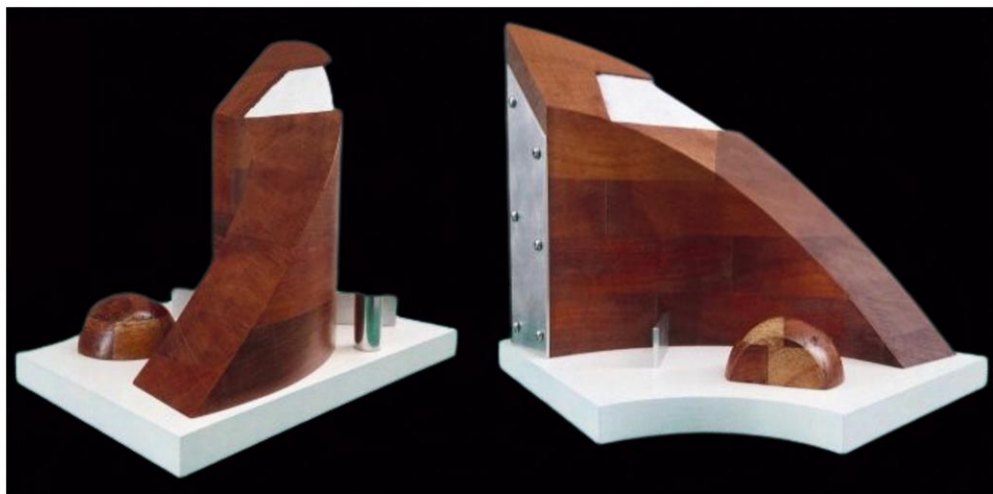


**Comemorando de
Marte o novo século
(superior)**

Tinta acrílica sobre
tela
125x125cm
2000

**Composição urbana
tridimensional
(inferior)**

Escultura em mogno e
alumínio
22x31x22cm
2023



Instagram:
@PaulinoLazur



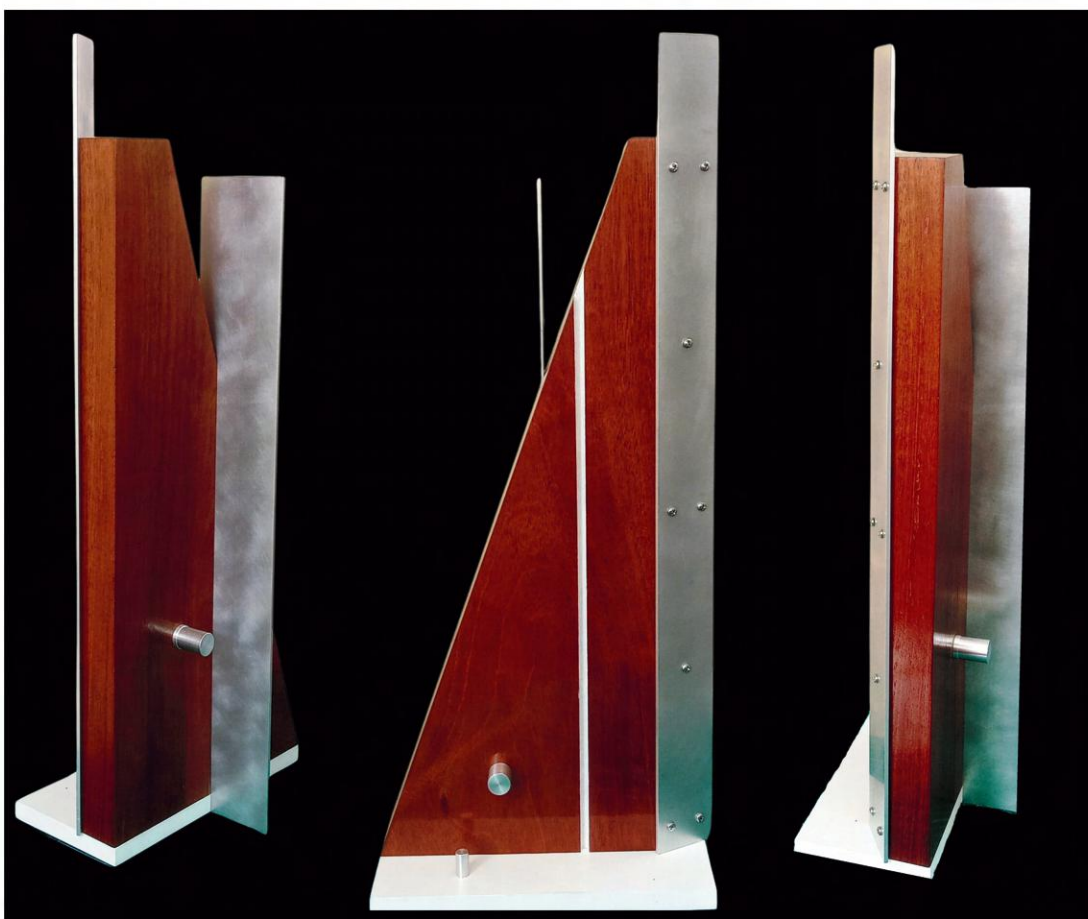


**A reverência
(superior)**

Tinta acrílica sobre
tela
125x125cm
1998

**Composição urbana
tridimensional
(inferior)**

Escultura em cedro e
alumínio
62x35x17cm
2023



MERGULHE NO MUNDO DE

Margaret Lipsey

Montreal, Canadá

Bem-vinda, Margaret. Para começar, conte-nos sobre sua trajetória e por que escolheu essa carreira. Lembra da primeira obra que mexeu com algo dentro de você?

Comecei a pintar com acrílico em 2000, enquanto estudava gastronomia em Vermont. Não segui a arte pelo caminho tradicional. Voltei sempre a ela, até perceber que era mais que prática — era meu destino.

Em 2015, passei a pintar com frequência, como se as comportas tivessem aberto — tantas ideias surgindo, tantas técnicas a explorar. Desde então, é manter o ritmo da inspiração, que parece infinita quando se brinca com cor.

Na infância, a arte me fascinava muito antes de entender o que era ser artista. Lembro de estar diante de uma escultura de Alexander Calder em Detroit, sentindo sua força. Brincava com figuras de bronze de crianças num parque em Kalamazoo, imaginando como foram feitas, seu peso, onde o artista começou.

Esses momentos iniciais moldaram meu respeito pelo processo criativo, e desde então sigo atrás desse espanto e intenção.



Site:
MargaretLipsey.com



Instagram:
[@MargaretLipseyArt](https://www.instagram.com/MargaretLipseyArt)



O que seu trabalho busca transmitir e quais temas volta a explorar?

Minha arte investiga a verdade emocional de ser humano. Convida a parar, sentir profundamente e se reconhecer no presente. Embora reflita o mundo interior das mulheres — especialmente em transições da meia-idade — fala a quem enfrenta mudanças, identidade ou vulnerabilidade.

Temas recorrentes incluem a tensão entre o oculto e o revelado, os limites da autoexpressão e a coragem de mostrar seu eu completo, sem filtros. Essas pinturas não são performances; comunicam. Pedem que você se veja — em todas as partes.

A coleção Borders Not Limits celebra abraçar tudo que você é para criar o mosaico pleno e belo que veio ao mundo para ser.

As grandes identidades e as pequenas que fazem de você, só você, entre oito bilhões de pessoas.

Qual é um equívoco comum sobre seu trabalho — ou sobre sua área em geral?

Muitos dizem que arte abstrata é difícil de entender. Não é. Ela deve ser sentida. Não precisa de formação em história da arte para olhar uma pintura e perceber o que mexe em você.

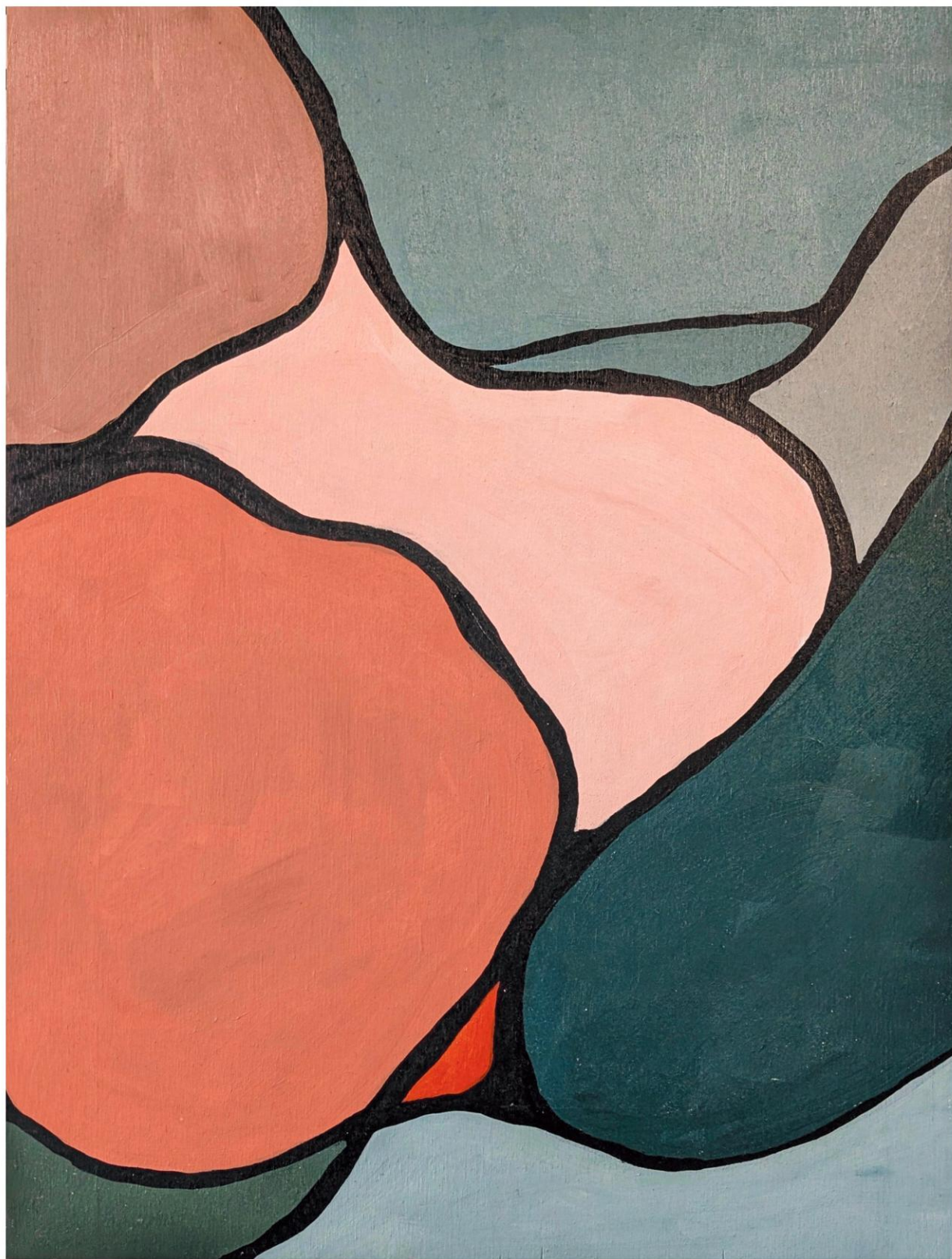
Minha arte convida a pausar, refletir e ver onde cor e emoção se encontram. As linhas e limites nas minhas obras? São espelhos. O que você está cortando da vida para abrir espaço ao melhor? Onde precisa se libertar? Para onde sua curiosidade iria se parasse de se julgar?

São essas conversas que quero ter.



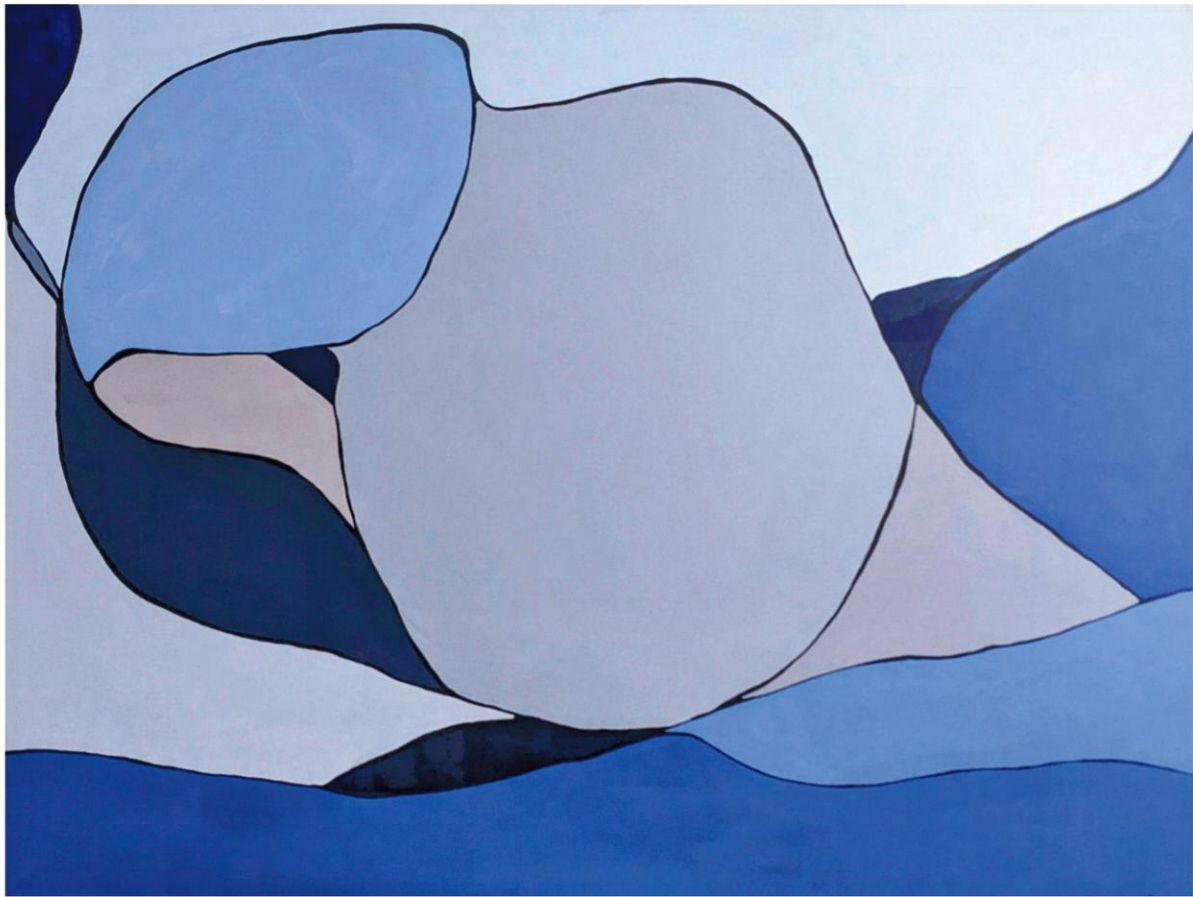
Sunday Morning Quiet

Acrílico
51 x 51 cm
2023



Hypotheticals

Acrílico
30x 40cm
2022



Many forms of water

Acrílico
121 x 91 cm
2022

O que significa “sucesso” para você como artista?

Sucesso é criar obras fielmente verdadeiras — fiéis à minha visão, ao momento presente e à energia que me atravessa. É quando colecionadores se conectam consigo mesmos pela obra e sentem vontade de tê-la.

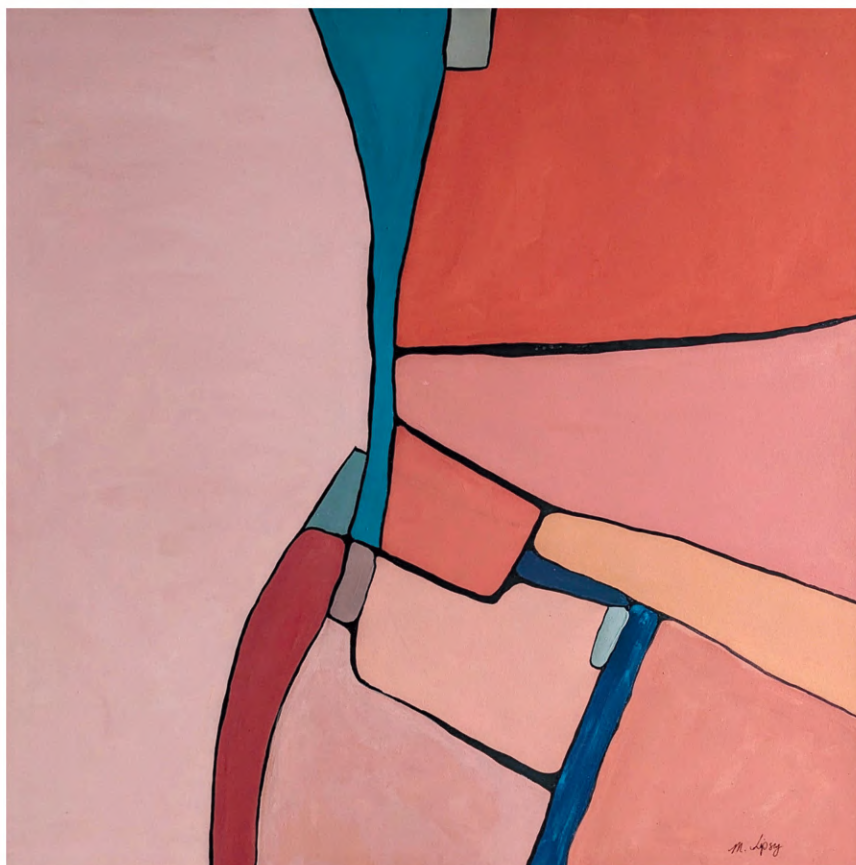
Espero que meu trabalho ajude quem vê a descobrir uma verdade sobre si ou sobre a vida — e ofereça a graça de se aceitar mais profundamente.

Nada é mais gratificante que saber que uma pintura criada com total presença tocou alguém nesse nível.

No que está trabalhando atualmente e quais são suas expectativas para o próximo ano?

Agora, estou ampliando *Borders Not Limits*, coleção que investiga limitações pessoais e a jornada para se libertar. Também sigo desenvolvendo a série *Wild*, guiada pelo movimento, instinto e liberação energética.

No ano que vem, quero explorar mais dimensões, usando textura, colagem e superfícies em camadas que reflitam a complexidade da evolução pessoal. Quero aprofundar o impacto emocional e ampliar a presença física. Que cada obra não só seja vista, mas sentida — convidando a conviver e se envolver com ela.



Tulips in their fields
Acrílico
101x 101cm
2022



Found not lost
Acrílico
101x 101cm
2022

Chegamos ao fim desta breve entrevista. Gostaria de acrescentar algo sobre sua pesquisa artística? Como foi colaborar com o Louvre Unbound?

Meu trabalho investiga o invisível — o que carregamos, as emoções que reprimimos ou liberamos e quem nos tornamos no fim. Interesso-me por como a emoção ganha forma, o silêncio vira gesto e a arte abstrata expressa o que as palavras não conseguem.

Colaborar com o Louvre Unbound foi uma oportunidade valiosa de compartilhar essa busca numa plataforma que valoriza visão ousada e diálogo contemporâneo. É gratificante fazer parte de uma comunidade que reconhece o poder da abstração e os artistas que escolhem falar por ela. Sinto-me honrada em contribuir para essa conversa sobre arte e o que ser artista significa.



Gathering helpers

Acrílico
101x 101cm
2025

MERGULHE NO MUNDO DE Megan Walker

Hampton, EUA

Megan Walker é uma ilustradora desde sempre que começou a explorar seu caminho nas artes plásticas. Apaixonada por arte fã e fantasia, trabalha com diversos meios, como caneta, lápis, aquarela, guache e digital. Do tradicional ao digital, ela desenha tudo.



**Ellie Seated
(superior)**

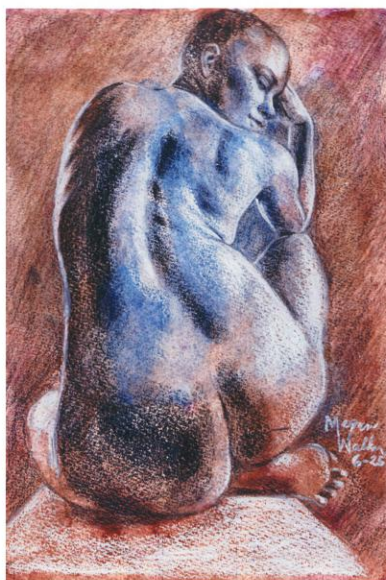
Acrílico
40x50cm
2025

**Carole Relaxing
(esquerda, inferior)**

Acrílico
40x50cm
2025

**Lillith
(direita, inferior)**

Técnica mista
13x20cm
2025



Instagram:
[@freedriedchimp](https://www.instagram.com/freedriedchimp)





Chrissy Posing

Acrílico
40x50cm
2025

MERGULHE NO MUNDO DE Sulema

Long Island, EUA

Seja bem-vinda, Sulema. Para começar, conte-nos um pouco sobre sua trajetória e por que escolheu seguir essa carreira. Lembra-se da primeira obra de arte que mexeu com algo dentro de você?

Sim, lembro bem. Eu estava na segunda série quando a professora nos apresentou o trabalho de Leonardo da Vinci. Ver “A Última Ceia” e “Mona Lisa” pela primeira vez foi um marco para mim. Fiquei fascinada — não só pela beleza visual, mas pela emoção e mistério que transmitiam.

Foi nesse instante que percebi que a arte pode contar histórias, despertar sentimentos intensos e conectar pessoas através do tempo. Aquilo plantou uma semente que vem crescendo até hoje.

Embora tenha nascido em Long Island, Nova York, passei a maior parte da minha vida em Virginia Beach, onde minha jornada criativa realmente começou.

Com o passar dos anos, passei a ver a arte não só como paixão, mas como um chamado. Crio com o propósito de inspirar e contar histórias que são importantes — histórias que vivem na minha imaginação, mas que, pelo meu trabalho, se tornam acessíveis para os outros.

Para mim, arte é construir essas pontes emocionais e deixar algo que realmente importe.



Instagram:
@sulemalartere97



Como você se define enquanto criativa — considera-se mais instintiva ou metódica?

Eu diria que sou uma artista guiada principalmente pela intuição. Para mim, a criatividade começa com uma sensação — uma centelha que vem de dentro e surge, muitas vezes, sem aviso. Costumo deixar as ideias fluírem naturalmente, permitindo que formas, cores e temas apareçam de forma espontânea. Essa liberdade é essencial na forma como trabalho; ela me mantém ligada ao núcleo emocional daquilo que quero expressar.

Dito isso, também reconheço o valor da estrutura e da intenção no processo criativo. Embora as ideias iniciais surjam de forma instintiva, muitas vezes as desenvolvo e aperfeiçoo com escolhas mais pensadas à medida que a obra evolui. Acredito que a criatividade é multifacetada — não precisa ser uma coisa ou outra. Há um equilíbrio entre abrir espaço para a inspiração espontânea e aplicar decisões conscientes que moldam o resultado final. De certa forma, tento respeitar ambas as abordagens, mesmo que o processo comece com a intuição.

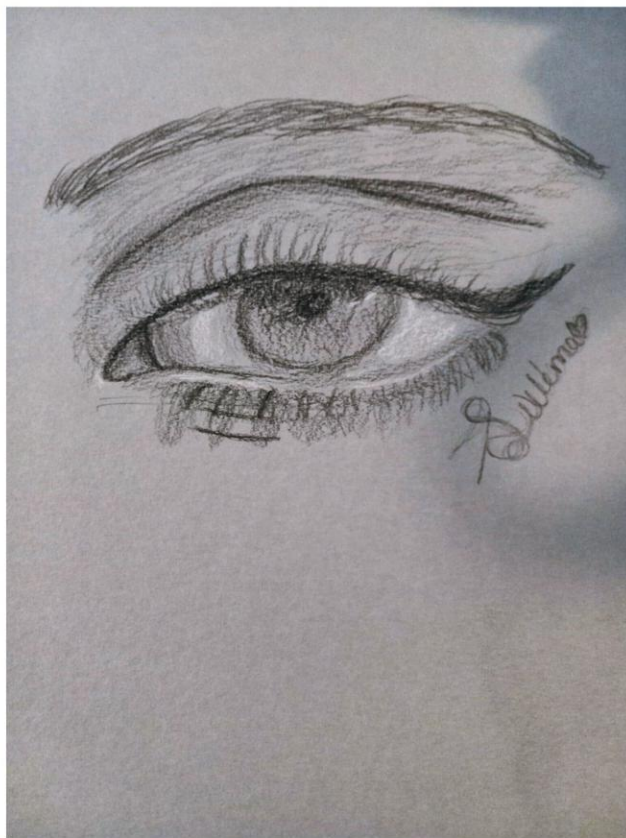


Vino di Casa
Acrílico sobre papel
40 x 50 cm
2024

Você acha que a arte ainda tem um poder social ou transformador no mundo digital de hoje?

Com certeza. Acredito firmemente que a arte continua a ter um profundo poder social e transformador—talvez agora mais do que nunca. No nosso mundo cada vez mais digital, as formas de criar, compartilhar e vivenciar arte evoluíram, mas o essencial da arte continua profundamente impactante.

As plataformas digitais tornaram a arte mais acessível, permitindo que artistas de todas as origens alcancem públicos diversos em todo o mundo. Essa acessibilidade promove maior inclusão e ajuda a amplificar vozes que antes poderiam não ser ouvidas.



The beauty of the eye
Grafite sobre papel
27 x 35 cm
2025



Beauty of nature
Acrílico sobre papel
22 x 30 cm
2025

Hoje, a arte pode ser um veículo poderoso de comentário social, expressão cultural e ativismo. Seja ao abordar questões de identidade, desigualdade ou mudanças climáticas, os artistas usam suas plataformas para provocar reflexão e inspirar ação.

Além disso, a arte na era digital incentiva a construção de comunidades. Espaços online permitem que pessoas se conectem por valores comuns e expressão criativa, formando redes globais que transcendem fronteiras. Nesse sentido, a arte tornou-se ainda mais democrática e colaborativa.

Portanto, sim, apesar do ritmo acelerado da tecnologia, acredito que a arte continua a ser uma força vital de reflexão, empatia e mudança. Ela se adapta, evolui e encontra novas formas de gerar impacto significativo.

O que significa “sucesso” para você como artista?

Para mim, o sucesso como artista não se define apenas por reconhecimento, ganhos comerciais ou marcos tradicionais. Embora esses elementos possam ter seu valor, acredito que o verdadeiro sucesso está em compartilhar minha arte de forma autêntica e criar conexões significativas com as pessoas por meio dela.

Quando alguém me diz que uma obra minha despertou um sentimento profundo — ou lhe ofereceu uma nova perspectiva — é nesse momento que me sinto realmente bem-sucedido. São essas ressonâncias que me lembram por que escolhi esse caminho.

Meu objetivo sempre foi contar histórias e inspirar reflexão, por isso saber que meu trabalho tocou alguém em um nível emocional ou pessoal é extremamente gratificante.

Para mim, sucesso também é sinônimo de crescimento—continuar a evoluir como artista, assumir riscos criativos e manter-me fiel à minha visão. Trata-se de ter liberdade para explorar, expressar e causar um impacto duradouro, mesmo que seja em poucas pessoas de cada vez. Esse tipo de conexão é, em muitos aspectos, a forma mais elevada de realização.



Earth hand
Caneta sobre papel
35 x 27 cm
2025



Heart of strength

Acrílico e grafite sobre papel

27 x 35 cm

2025

Fale-nos sobre uma obra sua que tem um significado especial — qual é a história por trás dela?

Uma das obras que mais carrega um significado pessoal para mim é uma pintura intitulada “Coração de Força”. Ela representa um capítulo muito vulnerável da minha vida — marcado por lutas emocionais, dúvidas internas e um longo caminho de cura.

Na época em que a criei, eu estava lidando com um período difícil, e o ato de pintar tornou-se uma forma de terapia, uma maneira de externalizar e compreender o que eu sentia por dentro. A composição e os símbolos em Coração de Força refletem tanto a fragilidade quanto a resiliência.

Enquanto trabalhava na obra, eu não estava apenas criando uma imagem — estava construindo uma narrativa de sobrevivência, de retomada da minha voz e do meu valor. Com o tempo, o que começou como uma expressão de dor transformou-se num lembrete visual de crescimento e amor-próprio. Ajudou-me a reconhecer a força da vulnerabilidade e o poder que vem ao aceitá-la.

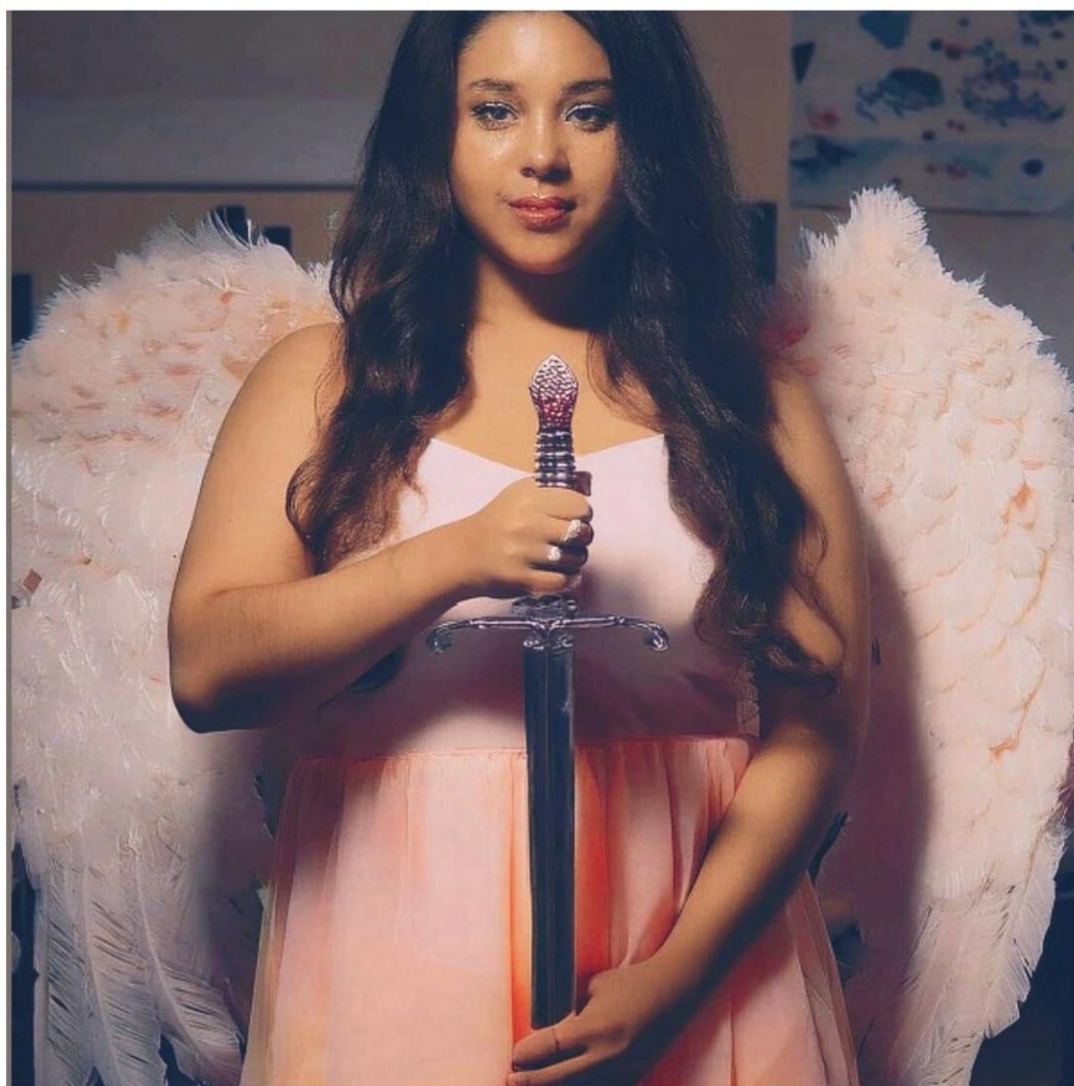
Até hoje, essa peça me lembra não só do que superei, mas também do porquê faço arte — para contar histórias sinceras, humanas e que, com sorte, também possam curar outras pessoas.

Estamos a chegar ao fim desta breve entrevista. Gostaria de acrescentar algo mais sobre a sua pesquisa artística? Como foi colaborar com o Louvre Unbound?

À medida que continuo a desenvolver a minha prática artística, um dos temas centrais que exploro é a ideia de que cada pessoa é uma obra-prima única e em constante evolução. Com o meu trabalho, procuro incentivar o autoconhecimento e o reconhecimento do valor individual — lembrando que as histórias, emoções e identidades de cada um merecem ser valorizadas. Vejo a arte como um espelho, que não só reflete as nossas vivências.

Mas também nos ajuda a ver a nós próprios com mais clareza e compaixão.

Colaborar com o Louvre Unbound foi uma experiência verdadeiramente enriquecedora. Não se trata apenas de visibilidade — trata-se de fazer parte de uma comunidade criativa que valoriza novas vozes e dá espaço à expressão autêntica. Estou grato pela oportunidade de partilhar o meu trabalho nesta plataforma e de me conectar com outras pessoas igualmente apaixonadas pelo poder transformador da arte. Experiências como esta inspiram-me a continuar a avançar, aprofundar a minha pesquisa e encontrar novas formas de usar a minha voz através da narrativa visual.



Soldier of Faith
Fotografia digital
2023

ONDE A ARTE VIVE

MASP: Um Ícone Moderno de Arte, Arquitetura e Inclusão em São Paulo

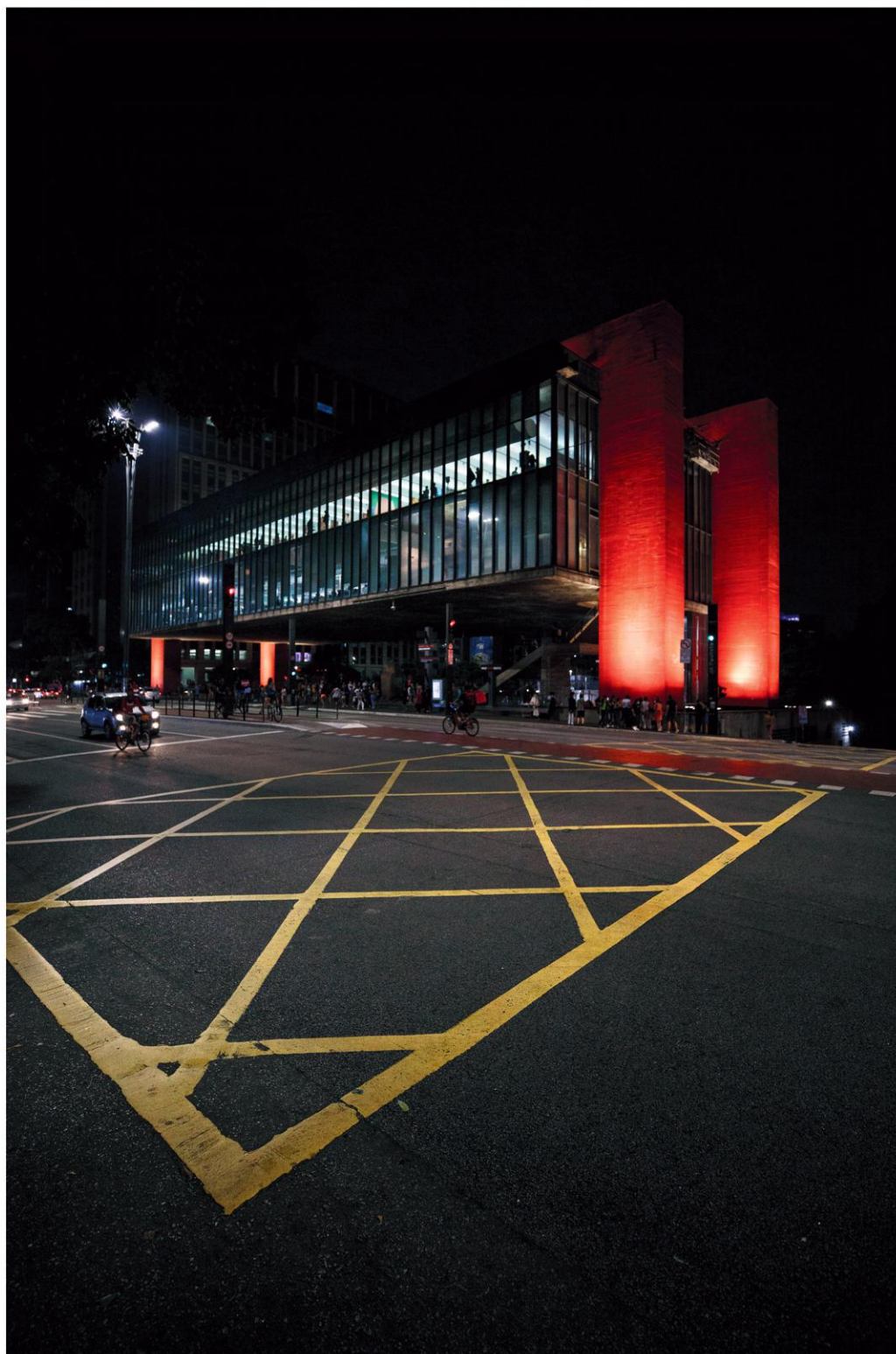


Foto: Daniel Cabrel



Foto de Imprensa do MASP



Foto: Leonardo Finotti

Este artigo foi feito com a colaboração de Gabriela Marçal Vieira (Relações com a Imprensa do MASP).

O **Museu de Arte de São Paulo Assis Chateaubriand** — amplamente conhecido como **MASP** — é uma das instituições culturais mais icônicas do Brasil e símbolo de modernidade e inovação em arte e arquitetura. Fundado em 1947 por Assis Chateaubriand, o MASP foi o primeiro museu de arte moderna do país. Inicialmente localizado na Rua 7 de Abril, no centro de São Paulo, mudou-se em 1968 para a sua sede atual e emblemática na Avenida Paulista.

O projeto arquitetônico marcante do museu, concebido pela arquiteta ítalo-brasileira Lina Bo Bardi, é um marco da arquitetura do século XX. Reconhecida com o Leão de Ouro pelo Conjunto da Obra na Bienal de Veneza de 2021, Bo Bardi idealizou uma estrutura elevada e transparente, feita de vidro e betão, que celebra a abertura e a acessibilidade. Uma das suas características mais notáveis é o "vão livre", um grande espaço aberto sob o edifício, pensado como uma praça cívica de uso público.

Bo Bardi também revolucionou a experiência museológica com os cavaletes de cristal, que expõem as obras em suportes de vidro na galeria do segundo andar. Esta proposta arrojada rompe com o modelo europeu tradicional de exibição nas paredes, promovendo uma relação mais democrática e imersiva com as obras. Outro elemento marcante do edifício é a icônica rampa vermelha, que liga os dois níveis subterrâneos.

Ao longo dos anos, o acervo do MASP cresceu para mais de 11.000 peças, incluindo pinturas, esculturas, fotografias, objetos e vestuário de origens europeias, africanas, asiáticas e americanas. O museu possui a mais importante coleção de arte europeia do Hemisfério Sul, graças em parte às aquisições orientadas por Pietro Maria Bardi, seu primeiro diretor, entre 1947 e 1990.

Desde 2016, sob a direção artística de Adriano Pedrosa, o MASP desenvolve um programa curatorial inovador, centrado na diversidade, na inclusão e em múltiplas perspectivas da história da arte. Esta abordagem destaca-se especialmente na aclamada série "Histórias", que explora narrativas fragmentadas e frequentemente marginalizadas.



Foto: Eduardo Ortega

A série já incluiu exposições como:

- Histórias da Infância (2016)
- Histórias da Sexualidade (2017)
- Histórias Afro-Atlânticas (2018) – **eleita melhor exposição do ano pelo The New York Times e em turnê por museus nos EUA**
- Histórias das Mulheres, Histórias Feministas (2019)
- Histórias da Dança (2020)
- Histórias Brasileiras (2022)
- Histórias Indígenas (2023)
- Histórias da Diversidade LGBTQIA+ (2024)

Em 2025, o foco será nas Histórias da Ecologia, abordando temas urgentes como as mudanças climáticas e a relação humana com o meio ambiente por meio de exposições, palestras, oficinas e publicações.

O MASP passou recentemente por uma grande expansão, com a inauguração de um novo edifício de 14 andares ao lado da sede principal. O espaço ganhou 7.821m², incluindo galerias, salas de aula, laboratório de restauração, restaurante, loja e áreas para eventos. Com a integração da praça aberta sob o prédio original e um túnel subterrâneo em construção que ligará as duas estruturas, o MASP dobrou sua área, de 10.485m² para 21.863m².

O MASP segue sendo uma força dinâmica no cenário artístico internacional, reconhecido não só por seu acervo vasto e diversificado, mas também por sua visão curatorial arrojada, inovação arquitetônica e compromisso com o diálogo cultural inclusivo.

Foto: Leonardo Finotti

Endereço: Av. Paulista, 1578 - Bela Vista, São Paulo, SP 01310-200, Brasil

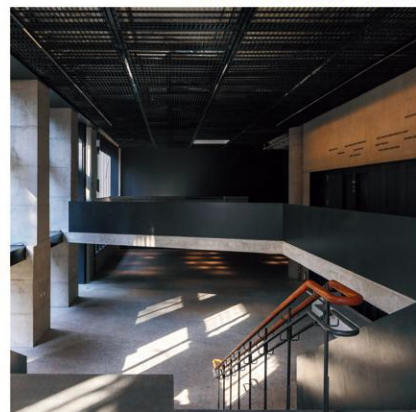
Telefone: +55 (11) 3149-5959

Horário:

- Terças (entrada grátis): 10h - 20h
- Quarta e quinta: 10h - 18h
- Sexta: 10h - 21h (entrada grátis das 18h às 20h30)
- Sábado e domingo: 10h - 18h
- Fechado às segundas

Ingresso: R\$75 (inteira), R\$37 (meia)

Site: masp.org.br

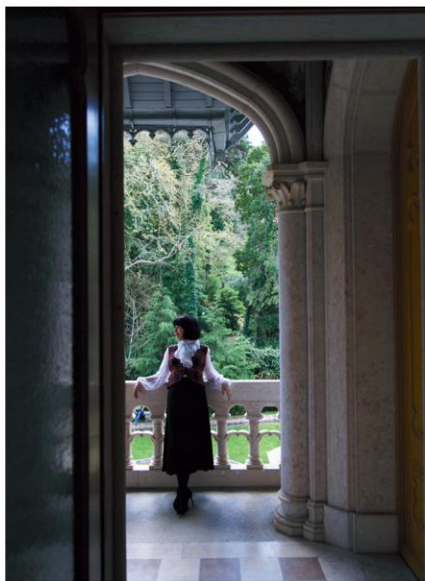


ONDE A ARTE VIVE

Luka Art Gallery: Coragem Curatorial em Ambiente Palaciano em Sintra



Foto de Imprensa da Luka Art Gallery



Sua majestade a rainha Sofia and
Ana Carolina de Villanueva

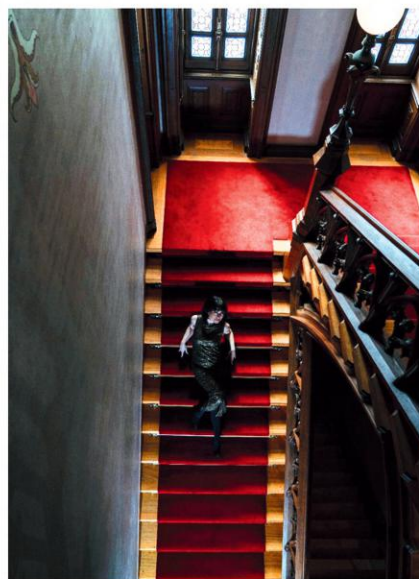


Foto de Imprensa da Luka Art Gallery

Este artigo foi produzido com a gentil colaboração de Ana Carolina de Villanueva (Curadora e Diretora).

Situada no interior do Palácio Biester, de arquitetura romântica do século XIX, no coração da exuberante serra de Sintra, a **Luka Art Gallery** tornou-se rapidamente um dos destinos mais exclusivos e vanguardistas da Europa para artes plásticas contemporâneas. Desde sua inauguração em 2022, a galeria trouxe um novo ritmo de criatividade, diálogo cultural e grandiosidade à cena artística portuguesa — guiada pela curadoria visionária de sua fundadora e diretora, Ana Carolina de Villanueva.

Natural da Espanha, Ana Carolina é arquiteta e urbanista, doutora em arte e cultura, com mestrado em restauração sagrada, especializada em ouro e policromia. Seu percurso cosmopolita — tendo vivido em vários países e trabalhado em mais de 40 — reflete-se numa abordagem multicultural e ampla da curadoria. Suas exposições combinam escolhas estéticas refinadas com forte envolvimento do público, reforçado por eventos tão opulentos quanto inesquecíveis.

A Luka Art Gallery é a única galeria temporária da Europa situada num palácio do século XIX, distinguindo-se como um espaço singular onde o legado da arquitetura clássica convive com a criatividade contemporânea.

As exposições mensais da galeria apresentam nomes de destaque no panorama artístico internacional, frequentemente celebrados por eventos elaborados. Entre eles:

- O Baile de Gala de Natal — acompanhado por música coral sagrada interpretada por 50 vozes do Mosteiro dos Jerónimos
- O iconico Baile de Máscaras, com a participação oficial de 12 embaixadas e mais de 400 convidados em traje formal — que se tornaram acontecimentos culturais emblemáticos.

Foto de Imprensa da Luka Art Gallery



Regina Duarte e Ana Carolina de Villanueva (Exposição das obras de Regina Duarte na Luka Art Gallery)

Foto de Imprensa da Luka Art Gallery



"Coletivo Duas Marias" (Malu Rebellatto e Nani Nogara) com Ana Carolina de Villanueva (com a obra Gaia ao fundo)

Em 2025, Ana Carolina levou seu olhar curatorial ao prestigiado 60º Prêmio Reina Sofia de Pintura e Escultura, em Madrid, onde apresentou pessoalmente obras selecionadas a Sua Majestade a Rainha Sofia. Sua participação resultou em convite oficial para integrar a Associação Espanhola de Pintores e Escultores (AEPE), consolidando sua reputação como referência no circuito artístico internacional.

Exposições recentes na Luka Art Gallery incluem obras de artistas renomados, como:

- Christina Oiticica - arte espiritual inspirada na natureza
- Blake Jamieson - retratos contemporâneos audaciosos
- Hans Donner - visionário e futurista do design
- Lu Mourelle - vibrantes geometrias abstratas
- Regina Duarte - pintura expressiva e narrativa (também atriz brasileira icônica).

A missão profissional de Ana Carolina — ampliar o acesso às artes e abrir experiências culturais ao público — será reforçada este ano, com sua participação como curadora convidada na Biennale d'Arte della Riviera Romana. Com convicção e alegria, ela reafirma o poder transformador da arte por meio de experiências ousadas, inclusivas e transcendentais.

Foto de Imprensa da Luka Art Gallery



Luka Art Gallery - Palácio Biester
Endereço: Estrada da Pena 18, Sintra, Portugal
Telefone: +351 932 834 217
Horário: Aberto todos os dias, inclusive fins de semana e feriados,
das 10h às 18h

Entrada: 15€
Site: lukartgallery.com



MERGULHE NO MUNDO DE

Regina Duarte

São Paulo, Brasil

Este artigo foi produzido com a gentil colaboração de Ana Carolina de Villanueva (curadora da Luka Art Gallery).

Ampliamente reconhecida por sua carreira consagrada na televisão, Regina Duarte abraçou as artes visuais como uma forma profunda e pessoal de expressão. Suas composições intuitivas — muitas vezes com elementos naturais como folhas, pétalas e ramos — refletem uma busca de sentido baseada na memória, na transformação e no vínculo sagrado entre humanidade e natureza.

Seu processo privilegia a honestidade e a espontaneidade, permitindo que cada obra surja de modo orgânico, como fragmentos de um diário visual. Por meio de texturas discretas e formas simbólicas, Regina convida à pausa, à observação e à conexão — transformando cada peça em um ato poético de contar histórias e uma suave meditação sobre a impermanência da vida.

Regina, após uma carreira icônica na televisão, o que despertou seu interesse pela criação artística? Houve alguma obra inicial que marcou essa virada?

Desenhar, brincar com tintas e pincéis sempre fez parte da minha vida. Recentemente, finalmente encontrei coragem para mostrar minhas “experiências ousadas.” Sinto grande prazer nisso e acredito que na ARTE não há certo ou errado — o que importa é a expressão das emoções que cada obra possa transmitir.



Site:
reginadasartes.com.br



Instagram:
[@reginadu_arte](https://www.instagram.com/reginadu_arte)



Muitas de suas obras trazem elementos naturais — folhas, flores, sementes. O que essas formas vivas representam para você? Há algum elemento que se repete em suas composições?

Acredito que a natureza é a fonte de toda a VIDA neste planeta. Somos parte dela — dependemos dela, somos nutridos por ela. Minha ligação com a natureza é espiritual e intuitiva, por isso esses elementos orgânicos aparecem com frequência no meu trabalho.

Quanto à presença recorrente de rostos em meus desenhos, creio que vem da atriz que sou. Passei a vida estudando a expressão humana e, talvez, agora apenas traduza essas emoções em outra linguagem — por meio de linhas, formas e texturas.



A palhacinha
Óleo sobre tela
68x86cm
1993

Quais técnicas e materiais definem sua prática artística atual — como oshibana, pastel ou óleo sobre tela? Você trabalha de forma metódica ou deixa o processo guiar?

Tenho explorado de tudo um pouco — lápis de cor, óleo sobre tela, pastel seco, carvão, tinta acrílica... Não me limito a um único meio. Meu processo criativo é totalmente intuitivo.

Geralmente começo pelos olhos e deixo a imaginação seguir. Nunca planejo a imagem final; sigo o caminho do gesto. E, sem perceber, surge um novo rosto — um que eu não sabia que esperava nascer.

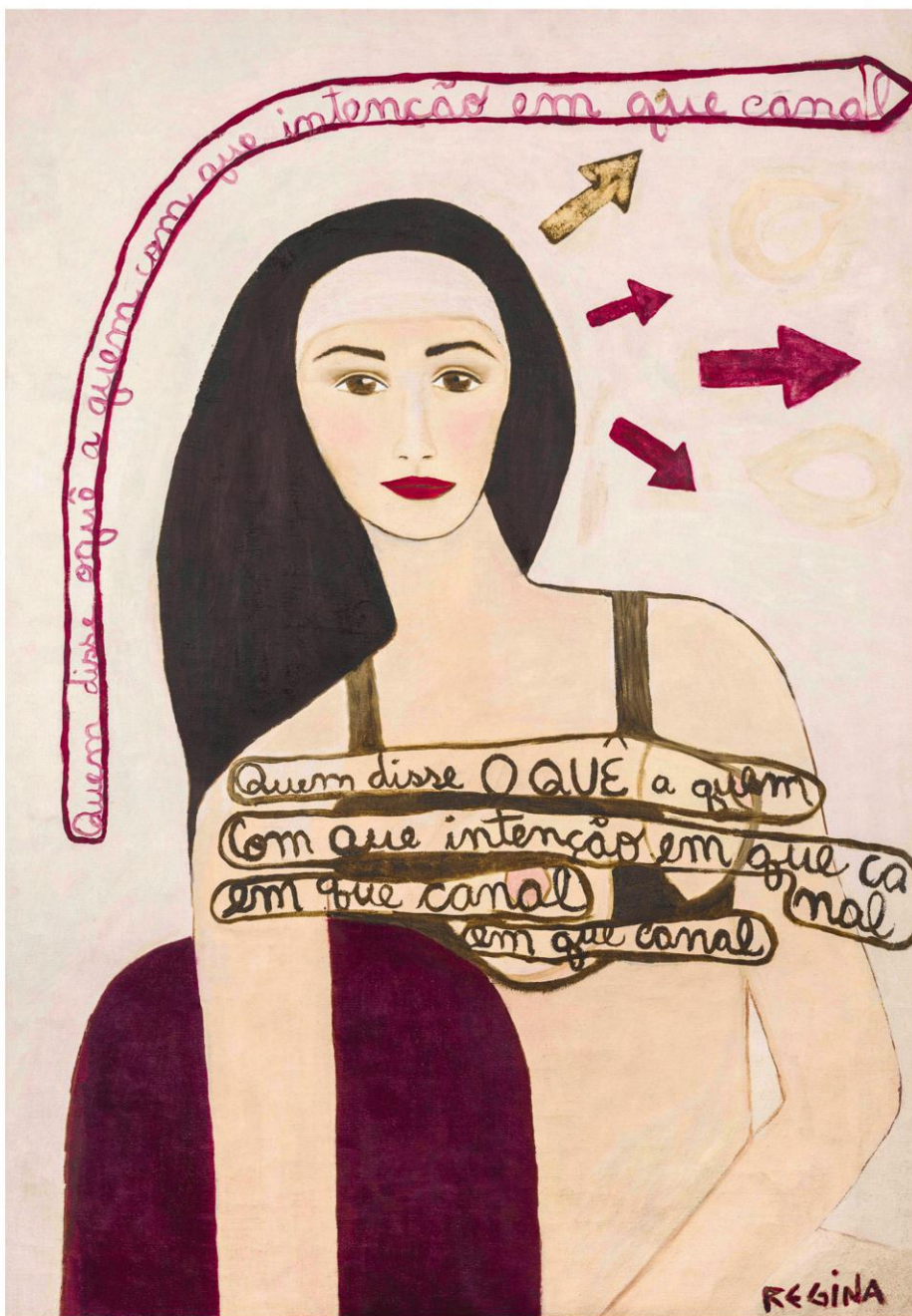


A equilibrista
Óleo sobre tela
41x50cm
2022

Como foi a experiência de expor e interagir com o público na Luka Art Gallery? Como foi trabalhar com a curadora Ana Carolina de Villanueva? Houve algum comentário ou momento que marcou você?

Foi uma experiência maravilhosa. O público português me recebeu com muito carinho e calor — senti-me verdadeiramente acolhida. Ana Carolina é extremamente atenciosa e dedicada; trabalhar com ela foi um prazer.

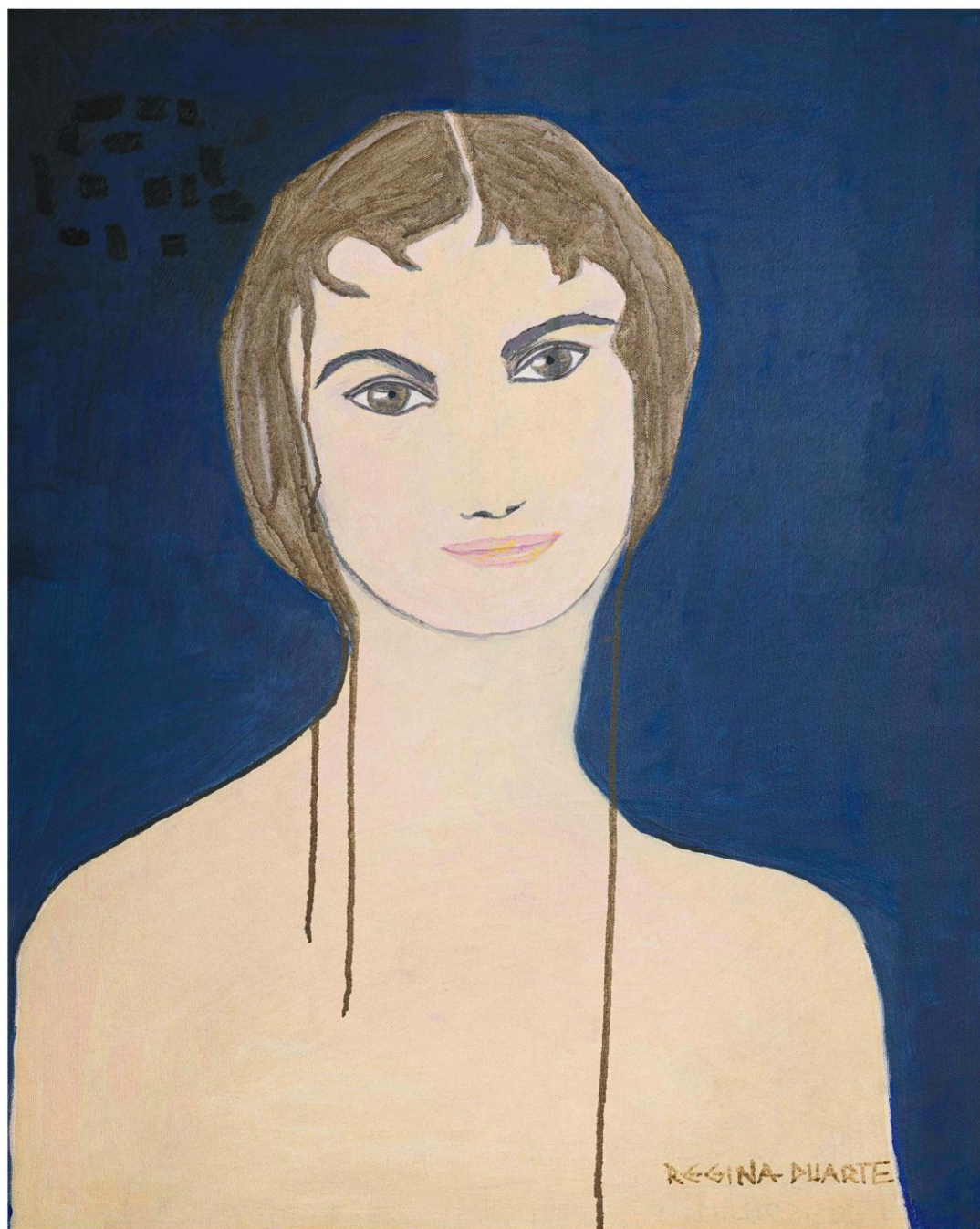
A galeria é linda e fica num espaço excepcional em Sintra, o Palácio Biester — um lugar que respira arte e inspira artistas. Foi o cenário ideal para mostrar meu trabalho e conectar-me com as pessoas.



Em que canal
Óleo sobre tela
100x70cm
1993

A revista Louvre Unbound destaca a interseção entre tradição, o sagrado e o contemporâneo. Você vê suas obras botânicas encaixadas nesse diálogo estético e conceitual?

Sim, absolutamente — e sinto-me muito honrada. Estou feliz por ter sido convidada a participar deste projeto. Para mim, é muito significativo ver meu trabalho posicionado nessa interseção. Sinto que a própria natureza contém algo sagrado, atemporal e, ao mesmo tempo, sempre vivo no presente.



Franjinha
Óleo sobre tela
68x84cm
2001

O que você pretende criar a seguir? Há novos temas, técnicas ou exposições próximas?

Atualmente, preparo uma nova exposição para agosto, em São Paulo. É uma colaboração com meu professor de artes visuais, e estou muito animada. Para essa mostra, pretendo apresentar uma seleção de pinturas a óleo, obras botânicas e algumas peças que criamos juntos — nossos trabalhos colaborativos. É uma fase nova e enriquecedora para mim.



As meninas
Óleo sobre tela
68x86cm
1993

MERGULHE NO MUNDO DE

Coletivo Duas Marias

Cascavel, Brasil

Este artigo foi produzido com a gentil colaboração de Ana Carolina de Villanueva (curadora da Luka Art Gallery).

Formado pelas artistas brasileiras Malu Rebellato e Nani Nogara, o Coletivo Duas Marias cria obras poéticas com materiais do cotidiano, como tecido, papel e linha. Seu trabalho explora memória, cuidado e as histórias invisíveis da vida das mulheres. Baseado na colaboração e no trabalho manual, suas peças revelam uma força silenciosa — convidando à reflexão sobre resiliência, histórias compartilhadas e a beleza do que passa despercebido.

Malu Rebellato e Nani Nogara, como definem o início da colaboração de vocês e qual foi a primeira obra que marcou essa união?

Nos conhecemos em 2013, durante o curso de Artes Visuais em Cascavel, Paraná, e desde o início houve uma forte conexão criativa entre nós. A colaboração surgiu naturalmente do desejo comum de explorar e unir diferentes linguagens artísticas — fotografia, performance e instalação.

A primeira obra que marcou nossa união foi "Manhã de Sábado", performance apresentada naquele ano na Virada Cultural de Cascavel. Foi o momento em que descobrimos como nossos papéis distintos podiam se unir: uma performando, outra fotografando. Assim, criamos personagens e cenas que misturam o simbólico e o real.

Desde então, nosso trabalho explora a feminilidade por meio de representações arquetípicas, muitas vezes inspiradas na história da arte — do claro-escuro barroco às paisagens metafísicas. Nossas composições transitam entre o utópico e o cotidiano, e a obra final é mais que a imagem: é a presença, o processo e o gesto. Essa união de performance ao vivo e documentação fotográfica segue sendo a base do nosso coletivo.



Site:
ColetivoDuasMarias.com



Instagram:
[@ColetivoDuasMarias](https://www.instagram.com/ColetivoDuasMarias)



Conte-nos sobre o conceito e a trajetória da sua obra Gaia.

Gaia, a deusa mitológica da terra, ganha vida nesta escultura por meio de 10.000 filtros de café usados, cada um marcado pelo ritual diário de uma mulher. Na resiliência e na rotina, seja na alegria ou na tristeza, no ganho ou na perda, preparamos nosso café e enfrentamos o mundo. O café ultrapassa culturas e classes sociais — homens e mulheres o consomem, tornando-o uma das bebidas mais universais, atrás apenas da água. Símbolo central da identidade e economia brasileiras, aqui o café também é metáfora de comunidade, força e do vínculo feminino com a terra.

Desde sua criação, Gaia percorreu um longo caminho: do Museu Oscar Niemeyer, em Curitiba (Brasil), à exposição na Luka Art Gallery (Sintra, Portugal), chegando a Madrid (Espanha), onde foi selecionada para o 60º Prêmio Reina Sofía de Pintura e Escultura. Atualmente, integra a 2ª Bienal Internacional de Arte da Riviera Romana, na Itália. Cada etapa reforça a linguagem universal de Gaia — enraizada no material, na memória e no mito.



Gaia
Filtros de café
usados, linha,
estrutura de metal
e fibra
220x180cm
(capa: 2 m)
2023

O que a sua obra pretende comunicar, e quais temas explora com mais frequência?

Nosso trabalho baseia-se numa investigação contínua do feminino em todas as suas camadas simbólicas. Exploramos as experiências das mulheres através da mitologia, crenças culturais, rituais e reflexões sobre o corpo e o desejo. Este tema é constante em nossa prática — reaparece sempre, não por repetição, mas por ser inesgotável.

Apresentamos o feminino como uma composição múltipla e contraditória, que carrega em si o legado de santas, bruxas e prostitutas — não como rótulos, mas como arquétipos que se entrelaçam e revelam a complexidade da mulher.

Uma mulher não pode ser limitada a um único papel. Ela é feita de muitas camadas, de forças ancestrais e histórias silenciadas. Nosso trabalho busca dar forma a essas tensões e histórias, oferecendo um espaço onde as contradições do feminino possam existir, ser vistas e sentidas.



Gaia

Filtros de café
usados, linha,
estrutura de metal
e fibra
220x180cm
(capa: 2 m)
2023

Vocês consideram-se mais intuitivas ou metódicas no processo criativo?

Somos completamente intuitivas na nossa abordagem. O processo criativo começa com um sentimento, um impulso ou um conceito que nos toca profundamente. A técnica e o método surgem depois, na fase de construção e realização da obra.

Para nós, a intuição é fundamental — orienta a escolha das imagens, das personagens e do tom emocional. Essa espontaneidade permite manter-nos ligadas ao essencial do que queremos expressar, sem ficarmos presas a planos rígidos. Dito isso, uma vez acesa a centelha intuitiva, envolvemo-nos com cuidado e intenção nos aspectos técnicos — fotografia, encenação, iluminação e edição — para dar forma final à obra.

Nosso processo é cíclico: a intuição conduz, o método sustenta, e ambos evoluem em conjunto à medida que a peça se desenvolve.

Como foi trabalhar com Ana Carolina de Villanueva e apresentar a obra Gaia na Luka Art Gallery?

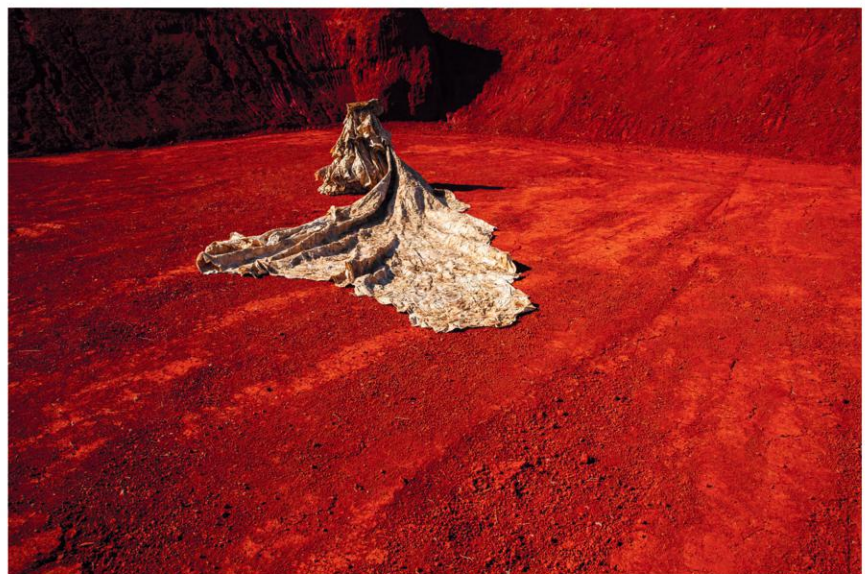
Foi uma emoção imensa e uma experiência de grande aprendizado. Ana Carolina é uma curadora excepcional, com uma visão rara para conectar artistas e obras de forma brilhante. Mas, além da sua competência profissional, o que mais se destaca é a sua sensibilidade, gentileza, amizade e profundo respeito pelo artista e pelo seu trabalho.

Apresentar Gaia na Luka Art Gallery foi muito comovente, por se tratar de uma grande exposição num espaço icônico e muito visitado, localizado no magnífico Palácio Biester. Esta mostra trouxe visibilidade significativa para Gaia e para Duas Marias, abrindo oportunidades importantes de conexão.

Também abriu caminho para novas exposições na Europa, como a nossa participação no Prêmio Reina Sofía e na Bienal de Roma, validando o nosso trabalho junto a diferentes públicos e instituições.



Gaia
Fotografia encenada

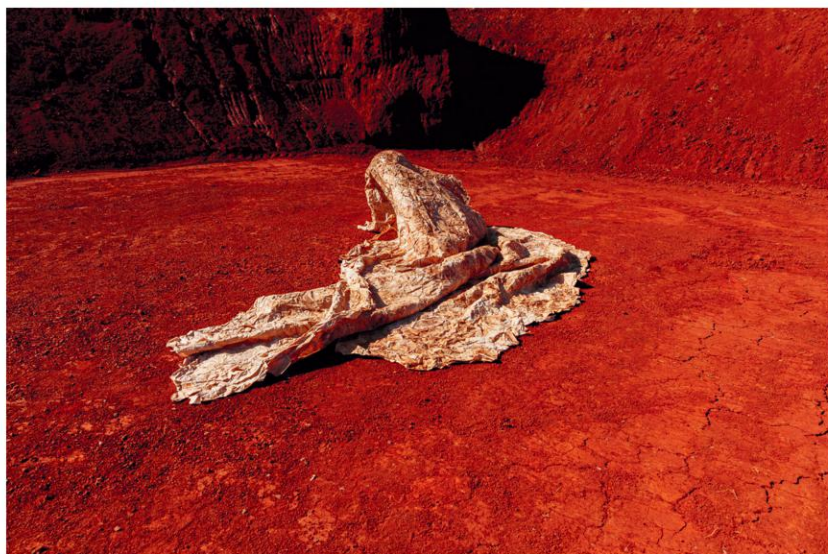


Gaia
Fotografia encenada

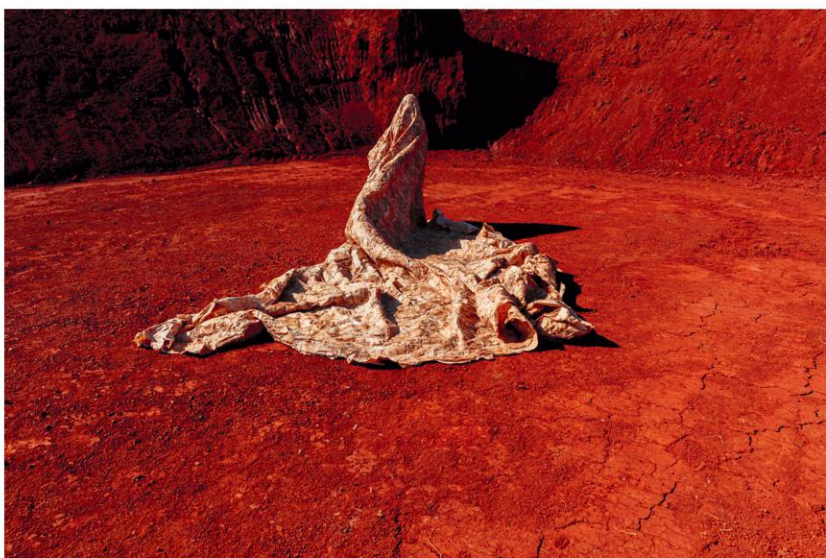
Considerando a proposta da revista Louvre Unbound, como veem o vosso trabalho dialogar entre o sagrado e o contemporâneo?

Nosso trabalho atua como uma ponte entre o sagrado e o contemporâneo. Os mitos, crenças e símbolos da antiguidade são fundamentais para quem somos — moldam nossas identidades e nossa memória cultural. Trazer esses elementos antigos para a arte contemporânea é uma jornada de autoconhecimento e transformação, que busca acolher e integrar a energia feminina em toda a sua complexidade.

Ressaltamos que o sagrado em nossa obra não está preso a doutrinas religiosas, mas é compreendido como uma força viva e dinâmica, presente na natureza, na mitologia e no poder feminino. Nossa leitura contemporânea é um convite a revisitar e reinterpretar essas camadas — permitindo que símbolos antigos falem novamente e ressoem com as experiências femininas atuais. Esse diálogo entre passado e presente, sagrado e profano, cria um espaço onde as contradições coexistem, convidando o público a refletir sobre suas próprias ligações com esses arquétipos e energias.



Gaia
Fotografia encenada



Gaia
Fotografia encenada

E o que vem a seguir para o coletivo? Há novos projetos no horizonte?

Seguiremos apresentando Gaia ao mundo por meio de exposições itinerantes, compartilhando sua mensagem e ampliando seu alcance.

Ao mesmo tempo, estamos a desenvolver uma nova obra de grande porte centrada no amor e na desilusão. Esta peça será construída a partir de cartas de amor — ou de desamor — como matéria-prima. Neste momento, estamos no processo de recolha desse material, reunindo histórias e emoções que servirão de base para a criação.

Este novo projeto pretende explorar as complexidades das relações íntimas, da memória e da vulnerabilidade emocional, dando continuidade à nossa investigação sobre as experiências femininas, agora por uma via mais pessoal e textual. Estamos entusiasmadas com a forma como esta obra irá expandir a nossa linguagem e convidar o público a um espaço profundamente emocional e reflexivo.



Gaia
Fotografia encenada



Gaia
Fotografia encenada

MERGULHE NO MUNDO DE

Mikel Pinto

Madrid, Espanha

Este artigo foi produzido com a gentil colaboração de Ana Carolina de Villanueva (curadora da Luka Art Gallery).

Mikel Pinto é um artista visual espanhol cuja obra estabelece uma ponte entre narrativa e emoção, com uma abordagem refinada e ao mesmo tempo intuitiva da pintura. Fortemente influenciado pelas tradições clássicas—especialmente o Barroco espanhol e italiano—o seu trabalho reinterpreta a figura humana de forma atemporal e surpreendentemente atual. Com gestos expressivos, olhares intensos e composições cuidadosamente construídas, explora temas como identidade, desejo, vulnerabilidade e resistência.

O processo criativo de Pinto é guiado mais pela intuição do que por um planeamento rigoroso. Cada pintura surge como uma cena de uma história maior e não contada—aberta a interpretações, mas ancorada numa verdade emocional. Seja retratando seminaristas num espaço vibrante laranja ou corpos fragmentados suspensos no silêncio, a sua obra convida o espectador a uma pausa reflexiva. Com subtilidade e contenção, Mikel transforma a tela num espaço onde o pessoal se torna político e o poético silenciosamente radical.

Mikel, sua formação inicial foi em literatura antes de regressar à pintura. Que obra reacendeu a sua paixão pelas artes visuais?

A minha paixão pelas artes visuais foi sendo reacendida de forma muito gradual e quase inexplicável. Se tivesse de destacar um elemento presente nessa mudança, seriam as minhas visitas frequentes ao Museu do Prado naquela época. Ir quase diariamente ao Prado foi, sem dúvida, essencial para reavivar o meu interesse pela pintura. Nesse sentido, as obras do Renascimento e, especialmente, do Barroco espanhol, holandês e italiano, marcaram-me profundamente. Há algo de muito cativante nelas: o realismo está intimamente ligado ao sentimento e à expressividade, tanto na escolha e composição dos temas quanto na maneira de pintar.



Site:
MikelPinto.com



Instagram:
@mikel_pinto_



O que pretende comunicar com a sua pintura? Existem temas recorrentes na sua obra?

Procuro sempre contar uma história através da pintura. Hoje em dia, é muito comum que artistas tentem comunicar conceitos por meio das suas obras. No entanto, prefiro usar a arte como um espaço narrativo: um ponto de partida a partir do qual o espectador possa imaginar e tecer histórias, em diálogo com a obra, em vez de imaginar conceitos ou tentar filosofar.

As ideias também estão presentes, mas sempre como fruto de uma narrativa, onde encontram uma articulação mais subtil e realista. Creio que um tema recorrente na minha obra é o fascínio pela experiência humana e pela beleza da sua expressão em diferentes contextos—festivos, alegres, reflexivos ou dramáticos.



Retrato de un bohemio enamorado

Óleo sobre tela

180 x 195 cm

2024

Como descreveria o seu estilo? Trabalha de forma mais intuitiva ou segue um método estruturado no ateliê?

Acredito que o estilo, na arte, não é algo que se busca—é a adaptação da personalidade do artista ao que se representa, quando feita com absoluta sinceridade e autenticidade. Quando trabalho, o mais importante para mim é ser fiel, autêntico e coerente com a minha personalidade.

A obra ganha forma por si só, e de facto é altamente intuitiva. Geralmente, quando planeio algo, raramente o resultado final corresponde. A pintura continua a ser um mistério para mim—cada tela é um novo enigma—e é isso que me prende à pintura e que mais me fascina.



Matahari
Óleo sobre tela
130 x 195 cm
2025

Como foi a experiência de apresentar a sua obra na Luka Art Gallery e colaborar com a curadora Ana Carolina de Villanueva?

A minha experiência em Sintra foi maravilhosa. Não é apenas um espaço paradisíaco e de sonho—como já dizia Lord Byron—mas também uma terra de lendas e mistério, com a qual o meu trabalho dialoga muito bem.

Ana Carolina é extraordinária: uma curadora com sólida formação artística, que realmente compreende e respeita o trabalho dos artistas, com um gosto muito apurado e uma abordagem absolutamente incrível em todos os aspetos—ela acerta em tudo. Conhecer e trabalhar com Ana Carolina tem sido uma das maiores e mais felizes descobertas da minha trajetória artística.



Ana Carolina de Villanueva
Óleo sobre tela
97 x 130 cm
2025

A revista Louvre Unbound valoriza obras que dialogam com o sagrado, o performativo e o contemporâneo. Como vê seu trabalho — especialmente peças como Los últimos del Concilio — nessa interseção entre tradição e modernidade?

Creio que Los últimos del Concilio reflete exatamente esse desafio filosófico e estético da pós-modernidade.

Como já mencionei, em vez de apresentar um conceito fechado, a obra introduz um tema específico pela experiência dos personagens, sem oferecer uma solução clara.

Nesse sentido, o trabalho narra a passagem — uma transição — de jovens seminaristas, aparentemente alegres, que avançam sobre um fundo vibrante e contrastante em tons de laranja.



Titanic
Óleo sobre tela
160x100 cm.
2025

Quais são seus projetos para os próximos anos? Está preparando novas exposições internacionais ou explorando novos temas?

Na verdade, estou vivendo um momento de efervescência artística. Após a ótima experiência de expor na Luka Art Gallery, no Palácio Biester em Sintra, e participar da Bienal Romana, o desenvolvimento de novos projetos não parou — embora ainda não possam ser divulgados.

De qualquer forma, para mim, o mais importante é sempre criar trabalhos significativos e valiosos — garantindo que cada obra que pinto tenha um propósito claro e relevante. Sempre acreditei que o maior projeto para qualquer artista é encarar a próxima tela em branco.



Joven Falstaff en Chamberí

Óleo sobre tela

195 x 195 cm

2023

ONDE A ARTE ACONTECE

O Valor do Eterno - A Visão Poética de Mikel Pinto na Luka Art Gallery

Mikel Pinto apresenta O Valor do Eterno na Luka Art Gallery, no histórico Palácio Biester. Esta exposição explora temas atemporais por meio de uma linguagem visual única, baseada no simbolismo e na expressão contemporânea.



Fotos de Imprensa da Luka Art Gallery

Destaque da Exposição: **O Valor do Eterno** – 21 de junho a 25 de julho de 2025



Fotos de Imprensa da Luka Art Gallery



Luka Art Gallery - Palácio Biester
Endereço: Estrada da Pena 18, Sintra, Portugal
Telefone: +351 932 834 217
Horário: Aberto todos os dias, inclusive fins de semana e feriados,
das 10h às 18h

Entrada: 15€
Site: lukartgallery.com



ONDE A ARTE ACONTECE

Galerie Sang Neuf Art – Um Espaço Único para a Arte Regional e Nacional

Localizada na rua principal de Palmarolle, a Galerie Sang Neuf Art exibe obras de artistas da Abitibi-Témiscamingue e além há mais de 40 anos. Fundada pela artista plástica **Louisa Nicol** e pelo cenógrafo **Raymond Marius Boucher**, a galeria ocupa a antiga ferraria da vila e ganha vida todo verão com um programa vibrante de exposições.

Aberta de 4 de junho a 1º de setembro, de quarta a domingo, das 12h às 18h, a galeria oferece entrada gratuita, visitas guiadas e a oportunidade de conhecer os artistas aos domingos, em um ambiente acolhedor e aberto.



Fotos – Cesar Vianna

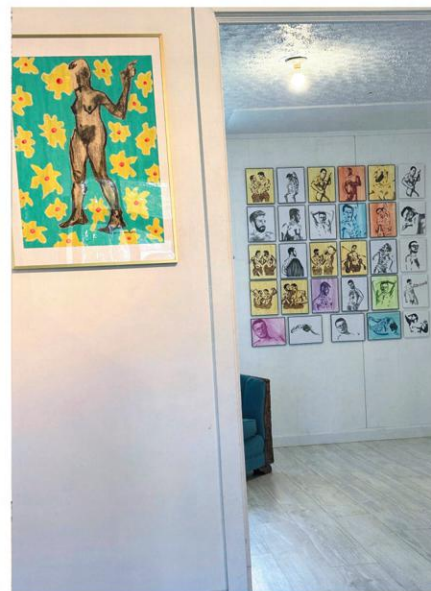
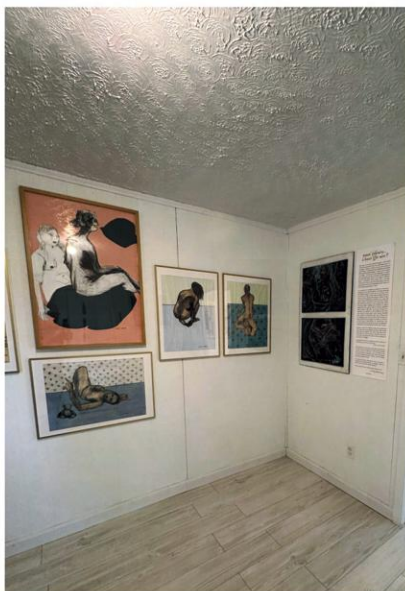
As exposições são renovadas a cada duas semanas, com mostras individuais, temáticas e coletivas.

Em 2025, a temporada de verão começa em 4 de junho, seguida por uma programação rica de vernissages:

- 8 de junho: **La Couleur**, com Magalie Amyot e os artistas da temporada
- 22 de junho: **Le Corps**, com Pascale Montpetit, Geneviève Morel e Cesar Vianna
- 6 de julho: **Le Personnage Fantastique**, com Alain Fluet, Annabelle Skaperdas e Nancy Sénéchal
- 20 de julho: **Entre l'abstraction et le figuratif**, com Jeannine Provost, Jeannine Durocher, Jocelyne Caron, Francine Gauthier, Ginette Hallé e Louisa Nicol
- 3 de agosto: **Nos Graveuses et Graveurs**, com Ghislain Héneault, Johanne Poitras e Roger Pellerin
- 17 de agosto: **Le Portrait**, com Angelo Barsetti e os artistas do Atelier de portrait 2024 e 2025

Destaque da Exposição: **Le Corps** - 22 de junho a 5 de julho de 2025

Entre os destaques da temporada, Le Corps reuniu **Pascale Montpetit**, **Geneviève Morel** e **Cesar Vianna** em uma envolvente exploração da forma humana. Por meio de estilos e técnicas variadas, a exposição convidou o público a refletir sobre as dimensões físicas e simbólicas do corpo, oferecendo perspectivas íntimas sobre identidade, presença e transformação. Abaixo, algumas fotos da abertura da exposição.



Fotos - Cesar Vianna

Galerie Sang Neuf Art
Endereço: 109 Rue Principale, Palmarolle, QC J0Z 3C0, Canadá
Telefone: +1 (819) 787-3047
Horário: De 4 de junho a 1º de setembro
• Quarta a domingo, das 12h às 18h

Entrada: gratuita
Site: facebook.com/GalerieSangNeufArt/

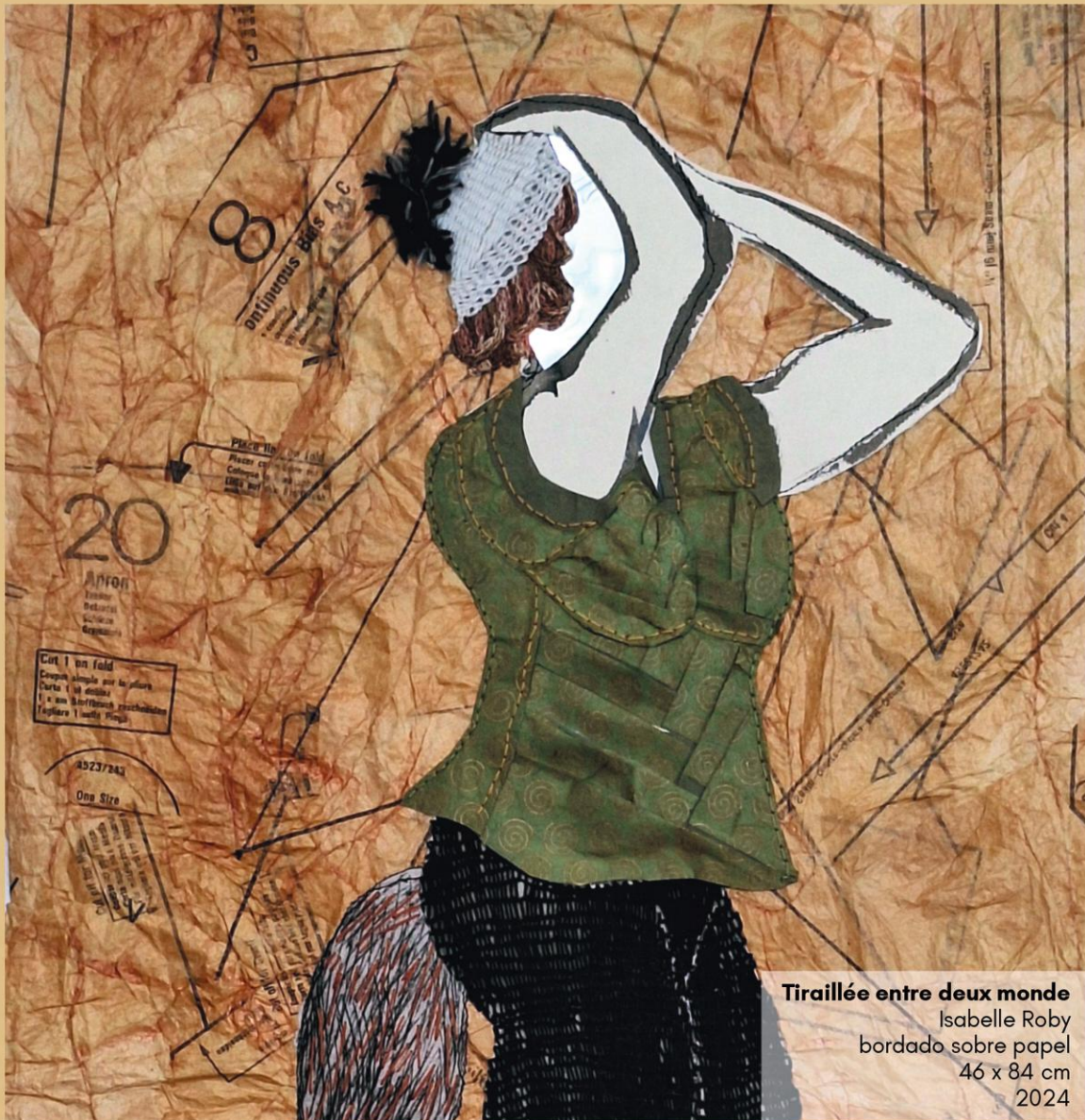


No topo, uma visão geral da exposição (obras de Pascale Montpetit, Geneviève Morel e Cesar Vianna)

Abaixo, uma obra de Louisa Nicol (à esquerda) e o artista Cesar Vianna ao lado de suas obras (à esquerda)

LOUVRE UNBOUND

BEYOND THE FRAME OF ART



Tirillée entre deux monde

Isabelle Roby
bordado sobre papel
46 x 84 cm
2024



linktr.ee/LouvreUnbound